



!CAUTION

ORIGINAL LUI LUI CO. II





IN YOUR
CON...

...ING

1992 LUI LUI CO.

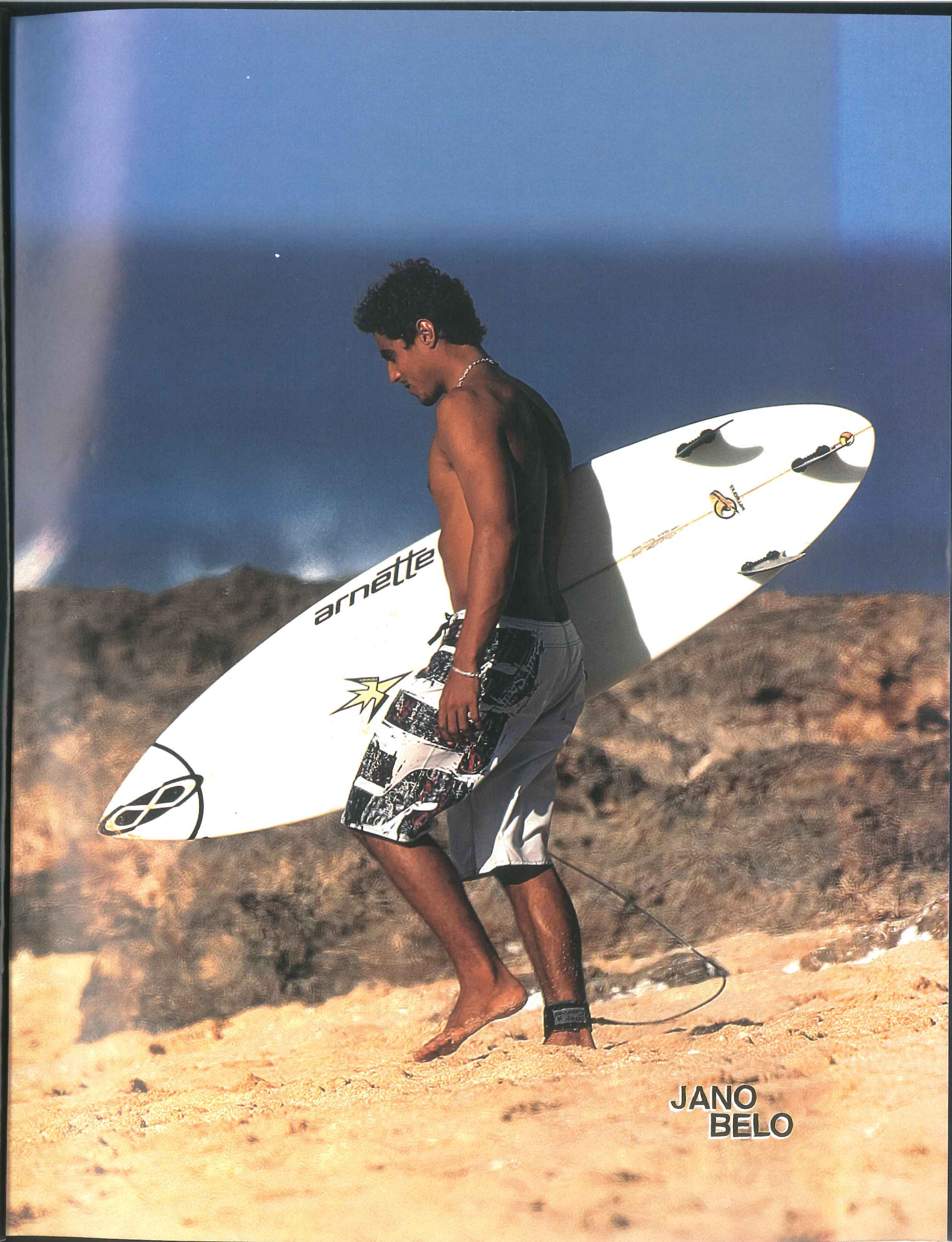
Everald
"Pato"
HAWAII

CAUTION
ORIGINAL LUI LUI CO.

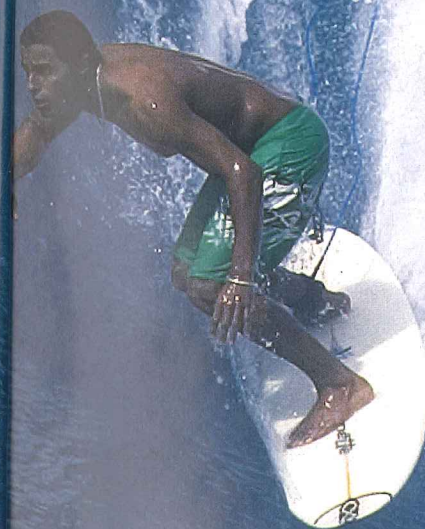
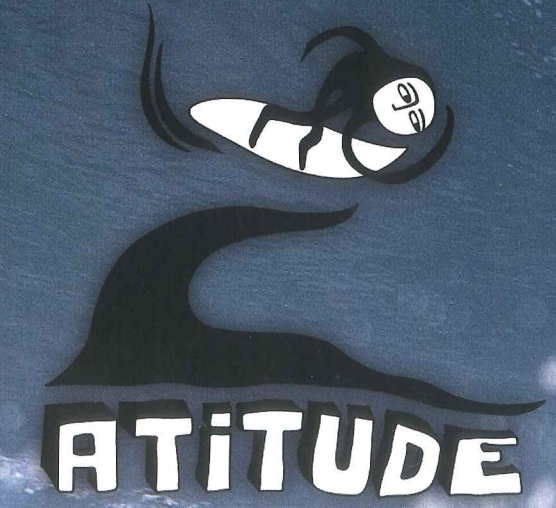




SOUTH TO SOUTH



**JANO
BELO**



 **Billabong.**

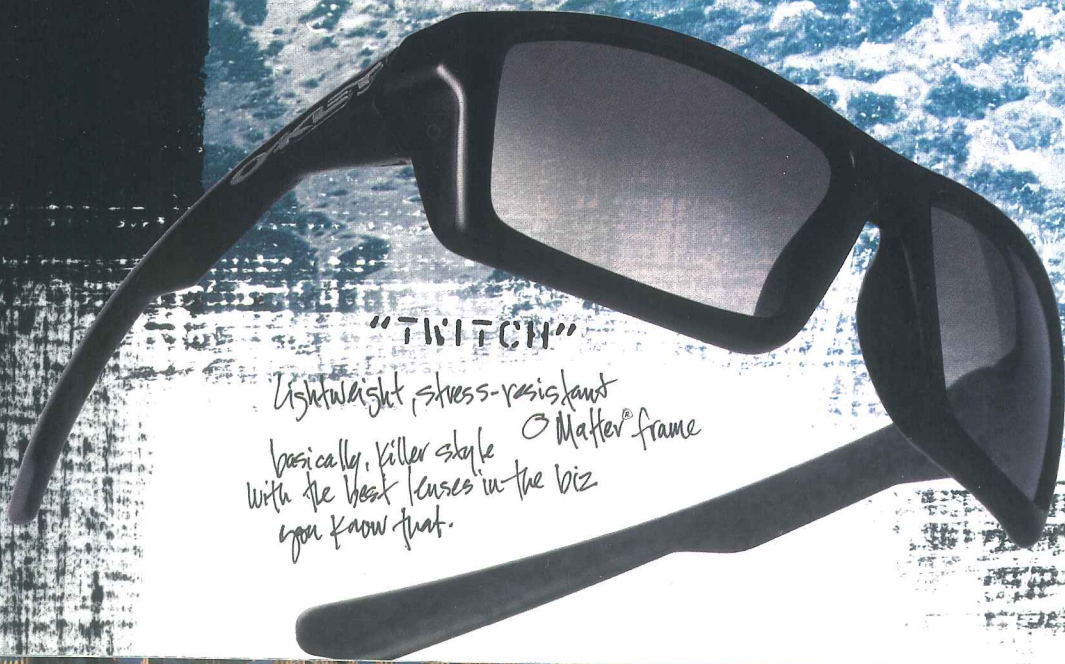
JAMES WOOD




SEPARATE
VOLUME

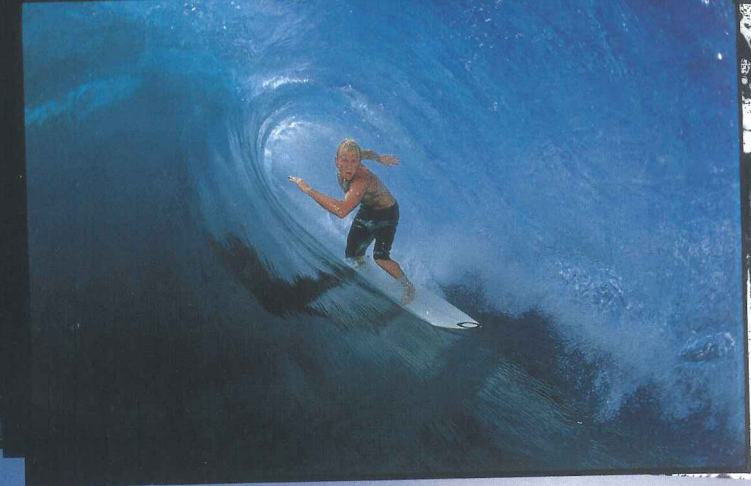
SPRING 2006

Adam Mellina



"TWITCH"

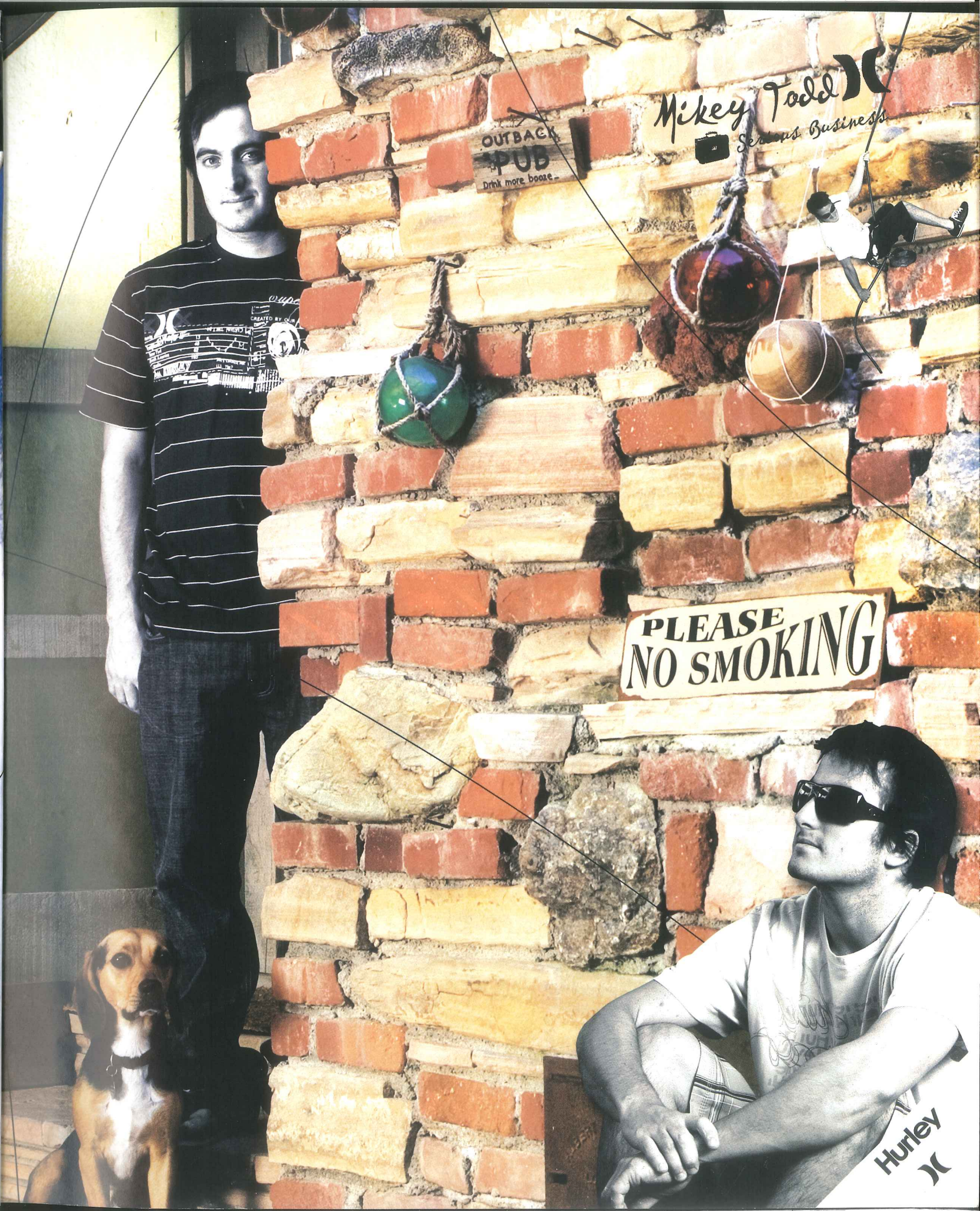
lightweight stress-resistant
basically, killer style
with the best lenses in the biz
you know that.  Matter frame



OAKLEY.COM/SURF

HDC
OAKLEY HIGH DEFINITION

serious business at mikey.hurley.com





*espírito havaiano
sobre o Brasil*

775

Havaiana

775 Brasil

desafios

NOSSOS DESAFIOS NUNCA TERMINAM, ao contrário de cada vitória ou derrota. Eles, os desafios, vêm maiores e mais fortes sempre.

É assim que crescemos e apreendemos a nos FORTALECER PARA ENFRENTÁ-LOS. O surf, em toda a sua amplitude – esporte, mercado, cultura –, entra em uma **NOVA ETAPA DE DESAFIOS**.

Entramos na era pop surf, inédita, pois mesmo com tanta massa de negócios, mídia e eventos, **ÉRAMOS ATÉ ENTÃO TRIBAIS**.

Dois grandes empresários mundiais, em face de uma mesma pergunta – o que ambos têm como visão de futuro –, responderam simultaneamente, sem hesitar: **O FUTURO É AGORA!!**

Essa visão é nosso retrato atual. TUDO O QUE IMAGINÁVAMOS HÁ 20 ANOS ESTÁ ACONTECENDO. Contaminamos bilhões de pessoas no planeta com nossa maneira de viver, nosso esporte e comportamento. Porém, podemos estar decifrando o dilema: **COMO CONTINUAR A FORMAR OPINIÃO SENDO CADA VEZ MAIS POPULAR?**

Na minha visão, é isso que vem usinando o movimento retrô que influencia o segmento, pois para continuarmos nossa busca temos que **ESTAR LIGADOS ÀS ORIGENS**; somos contraculturais, selvagens e diferentes, e devemos continuar sendo.

Nessa linha, a pauta desta edição é como um bom LABORATÓRIO DE ANÁLISE E MEDITAÇÃO sobre os paradigmas e polêmicas que, a partir de agora, estarão nos desafiando sempre. Estamos entendendo Noronha e propondo visões e soluções para evitar o desequilíbrio do arquipélago com a matéria “paraíso ou provação”, mergulho profundo no tema, que expõe o melhor caminho a seguir para nós e para o planeta.

Miki Dora é bandido ou mocinho? Leia a brilhante análise do querido Oswaldo Pepe sobre a visão que o respeitadíssimo Fred d'Orey expressa sobre o assunto.

O surf tem enraizada na sua cultura a '**NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E ESTÓRIAS**'. O maior intelectual contemporâneo, Matt Warshaw, autor de *A enciclopédia do surf*, nos leva a outras versões dos mesmos fatos com a técnica e o preparo de um legítimo historiador – temos verdades aparecendo e mentiras sumindo. Com o texto produzido sobre a mística frase “**Eddie would go**”, ele nos mostra o quanto ainda vivemos em cima de VERDADES CONSTRUÍDAS.

O “Poder das ondas” é analisado e pesquisado sem mágica. Com a física e a oceanografia, buscamos vencer novos desafios e aprender mais e mais com as ondas, o **MOVIMENTO MÁXIMO DO SURF**, apoiados na experiência e no conhecimento do grande Rosaldo Cavalcanti.

O outono chegou, trazendo mais desafios... Ondas maravilhosas estão abençoando nosso litoral, como esse swell épico de Maresias, dia 24/3. Sinta-se estimulado com esses limites.

DESAFIE-SE! Prestígie a ALMA SURF, indique-a para um amigo. Vamos nos fortalecer.

Força, paz, meditação, amor, alegria, prosperidade, generosidade... Nossa, quantos desafios... **ENCARE TODOS COM SURF.**

Meditação e surf, força!
Aloha

Romeu Andreatta

COSMMOS DO BRASIL PRODUÇÃO EDITORIAL

Maria Dias Carvalho

ALMA SURF

Publisher

Romeu Andreatta Filho

Editor Assistente

Adriano Vasconcellos
vasconcellos@almasurf.com.br

Edição de Arte e Design Gráfico

André Chiodo Silva

Tradução

Phil Turner

Revisão

Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta Edição:

Textos

Matt Warshaw, Oswaldo Pepe,
Rosaldo Cavalcanti

Fotos

Agobar Jr., Anselmo Venansi, Breno Lucio,
Carlos Pinto, David Pu'u, Gustavo Binga,
Lisandro de Almeida, Luciano Saraceni,
Manoela D'almeida, Marcelo Maragni,
Marcio David, Pedro Weinscheck, Sean
Davey, Yuri Sardenberg

Publicidade

Camila Curi
camila@almasurf.com.br

Departamento Financeiro

Fabio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

Distribuição

Dinap S.A.
Distribuidora Nacional de Publicações

Studio

Augusto Associados

Impressão

Padilla

Jornalista Responsável

Adriano Vasconcellos
MTB 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Alma Cultural

Fabio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

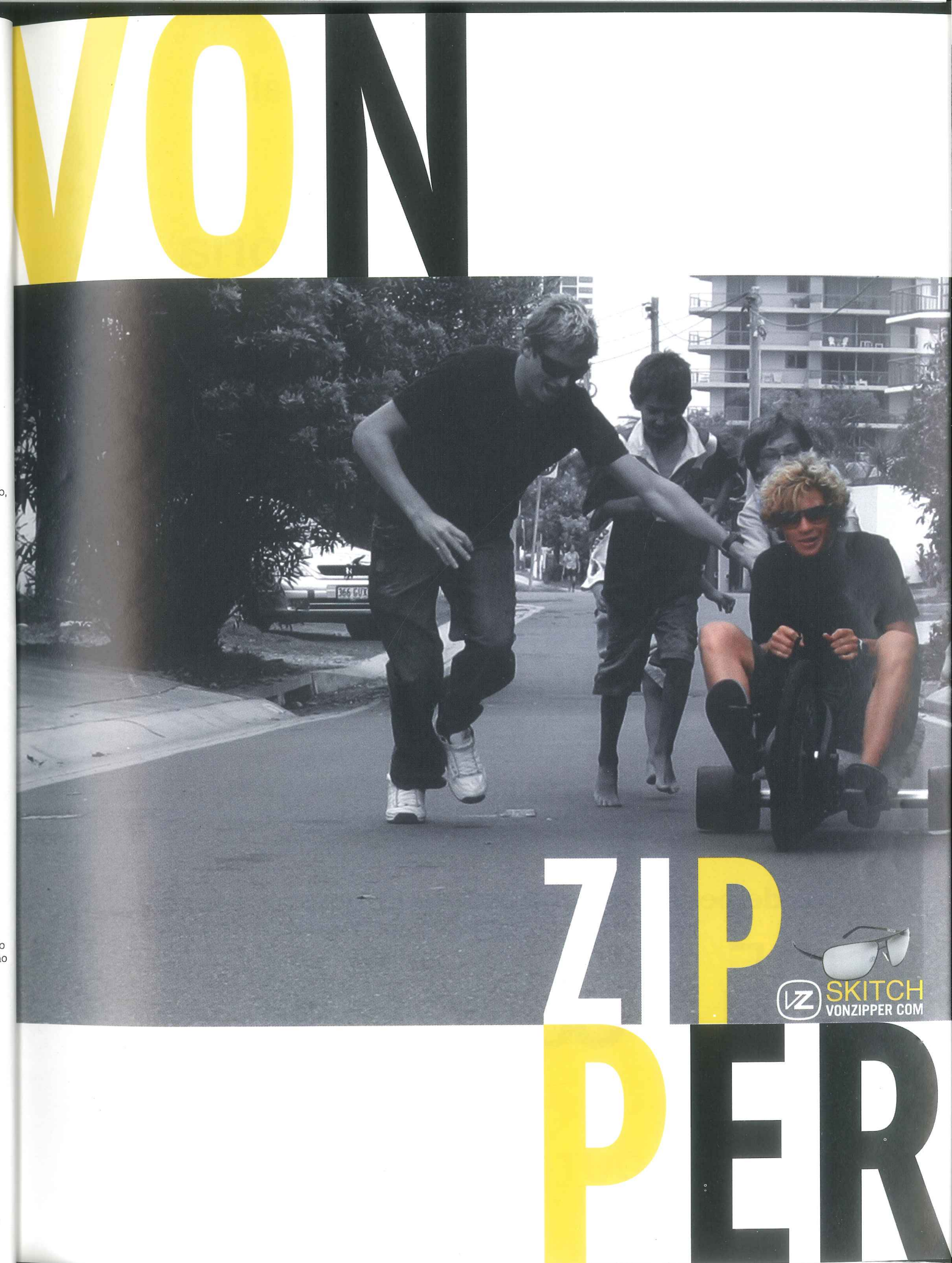
Correspondência

Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi – São Paulo – SP – 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711

e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744-3711
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 25.000 exemplares



índice

notícias da alma 22

fazendo
a História 26

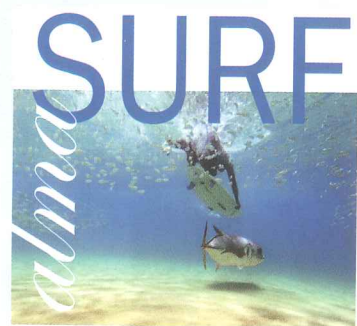
Mickey Dora e Fred d'Orey
a **composição** do surfista 34
As qualidades do mal e a ingenuidade do bem

Felipe Dantas e o Brasil secreto 40

entendendo noronha 52

caçador de campeões pinga 68

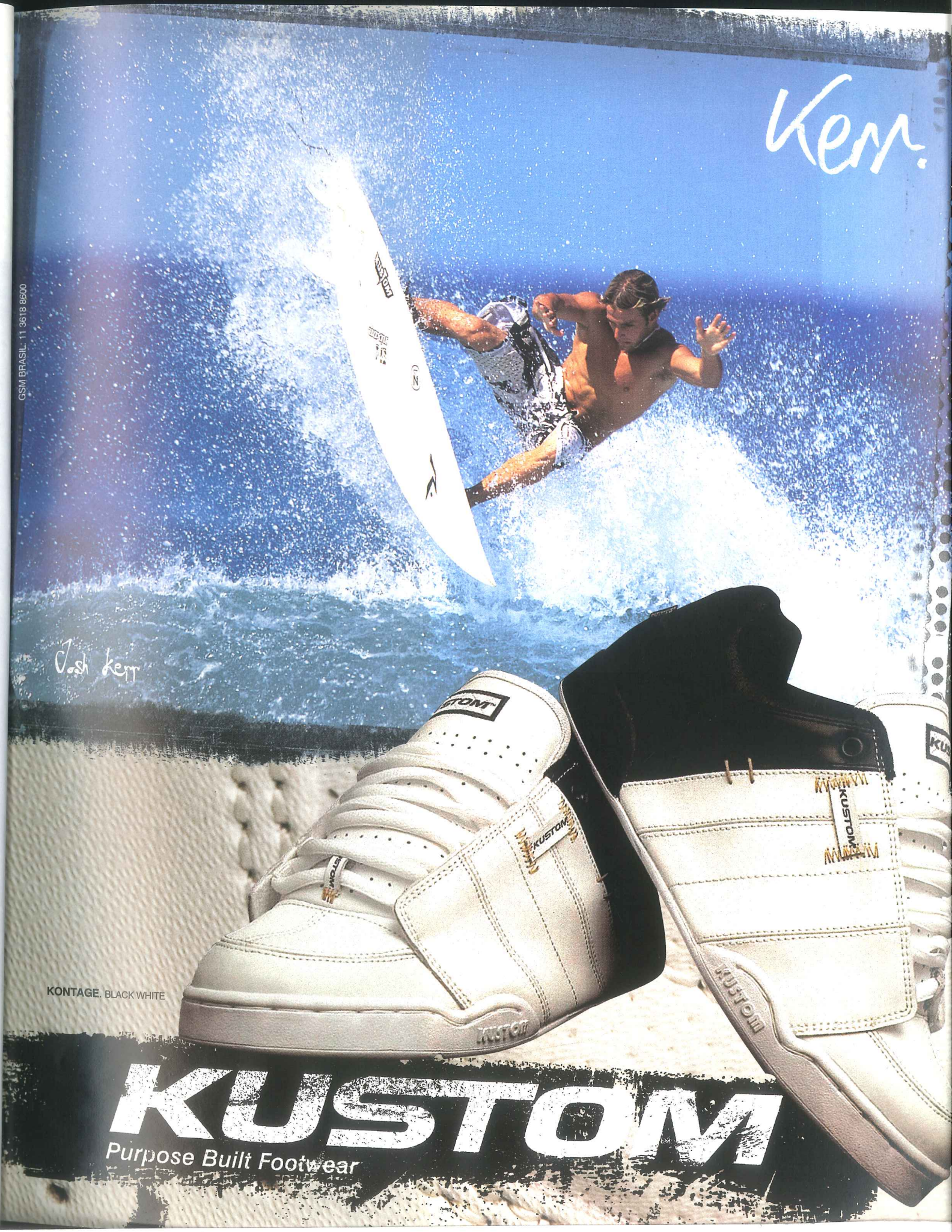
loucos de pedra bodyboard no Espírito Santo 78



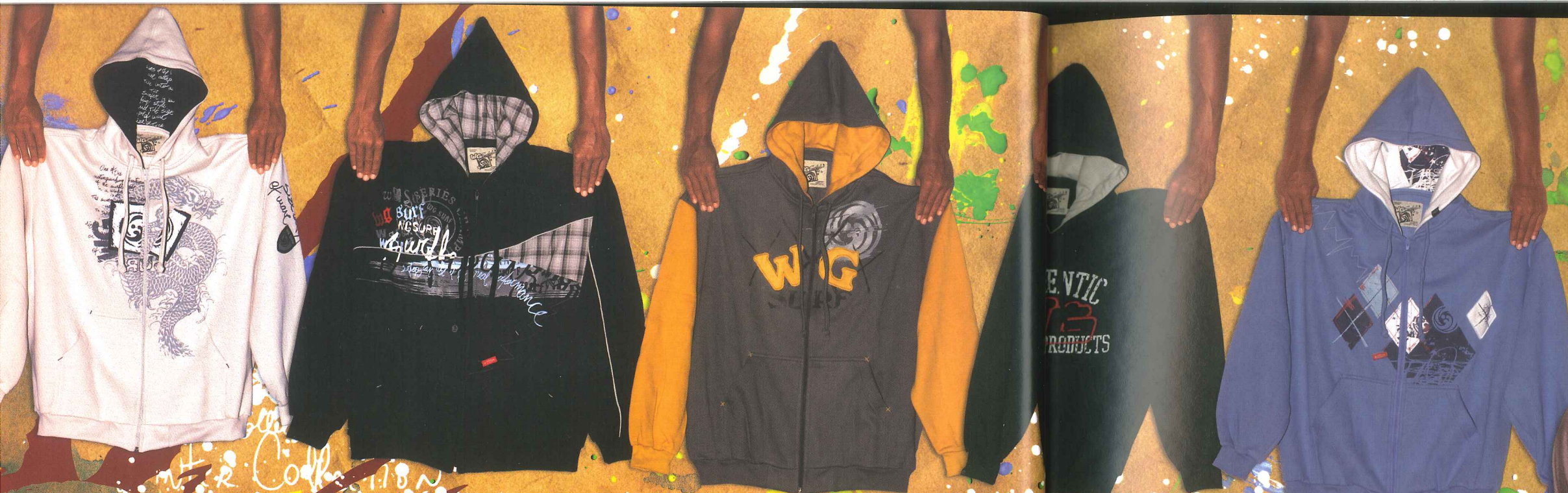
Poder das ondas 88

OUTONO tow-in maresias 98

Capa: Anselmo Venansi 'Big Dog' abençoado com o maravilhoso encontro do Mineirinho, um xaréu, um cardume e claro as ondas de Noronha



GSM BRASIL - 11 3618 8600



Winter Collection
Winter Collection
Winter Collection
Winter Collection
Winter Collection



Franklin Seixas
Vice-Campeão Brasileiro Mirim 2005
Campeão Baiano Mirim 2005
Vice-Campeão Baiano Sênior 2005

Atleta WIG
E BACK DOOR BAHIA
Tel 11 3226 2233



notícias da alma

Por Rosaldo Cavalcanti

PRANCHA ECOLÓGICA

A PRANCHA ECOLÓGICA É O RESULTADO DE UM NOVO EXPERIMENTO desenvolvido na Inglaterra. O projeto utiliza apenas materiais derivados de óleos vegetais e plantas como o cânhamo, na intenção de fabricar uma prancha de surf 100% ecológica. A idéia nasceu de uma parceria entre a Millennium Commission Lottery e um grupo de empresários ingleses. O experimento mostra que é possível fabricar uma prancha de surf sem utilizar a espuma de poliuretano, a fibra de vidro e a resina de poliéster. Desde que o surf se tornou uma atividade popular no mundo, a partir da segunda metade do século XX, o projeto da ecoprancha é o primeiro e único experimento que utiliza matérias primas totalmente derivadas da natureza na fabricação de uma prancha moderna e ecologicamente correta. Anualmente cerca de 750 mil pranchas de surf são fabricadas em todo o mundo utilizando matérias-primas derivadas de fontes petroquímicas. O projeto da prancha ecológica foi criado para tentar acabar COM ESSA DEPENDÊNCIA.

CAPTAIN COOK

Em 2006 uma série de encontros na Inglaterra, terra do lendário capitão James Cook, teve como objetivo discutir a importância do surf na cultura havaiana. Para quem não sabe, o capitão Cook foi o desbravador do Pacífico e o DESCOBRIDOR DO HAWAII.

EXPOSIÇÕES USA

"A Beautiful Thing" foi o nome da exposição que reuniu na Soularch Gallery, em San Francisco, alguns dos melhores artistas da Califórnia para prestar uma HOMENAGEM AOS OCEANOS. Entre os artistas convidados estavam David Anderson e Ty Tripoli.

BIG WAVE NA AUSTRÁLIA

KELLY SLATER E O IRON MAN AUSTRALIANO TREVOR HENDY foram vistos fazendo tow-in quando uma onda de 17 metros foi registrada nos arredores de North Stradbroke Island, na costa leste australiana. A onda foi considerada uma das maiores já vistas na Austrália.

POSTER RARO

Exemplares de um pôster raro foram leiloados recentemente por DAN MOORE. Neles, Ken Bradshaw, o falecido MARK FOO e o próprio Dan Moore aparecem num barco checando os out side reefs havaianos no inverno de 92/93. A foto foi tirada um ano antes de Foo morrer em Maverick's, e marca o início de uma nova era no surf de ondas gigantes.

KIT DE PRIMEIROS SOCORROS

Dois surfistas australianos acabaram de lançar um kit de primeiros socorros para aqueles que gostam de viajar atrás da onda perfeita. O Surfer's First Aid Kit tem 18 itens diferentes e foi criado para socorrer as vítimas dos acidentes mais freqüentes entre os surfistas.

TESTE PARA TRAJE ANTITUBARÃO

O Australia's SeaChange Technology está testando um traje antiataques de tubarão. O Shark Shield não utiliza nenhum componente químico para afastar os tubarões. Na verdade, gera um campo elétrico que repele os tubarões sem fazer mal a nenhum outro ser vivo marinho. O PROBLEMA TEM SIDO ENCONTRAR VOLUNTÁRIOS DISPOSTOS A ENCARAR OS TESTES.

SIMA

A SIMA (Surfing Industry Manufacturers Association) é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1989 com o objetivo de promover o desenvolvimento da indústria do surf por meio da educação de seus consumidores, da proteção do meio ambiente e de programas de pesquisa. A SIMA tem ajudado a preservar o meio ambiente com doações de seus membros e simpatizantes. Nos últimos 16 anos a entidade já arrecadou mais de 3 milhões de dólares para PROTEGER AS PRAIAS, AS ONDAS E OS OCEANOS DO PLANETA TERRA.

PROTESTO SURFRIDER

No dia 5 de fevereiro de 2006, a Surfrider Foundation convocou os surfistas australianos para participar de um protesto contra a construção de um terminal para navios de turismo numa das melhores regiões de surf

da Austrália. O empreendimento causa arrepio nos surfistas locais, pois pode provocar um indesejável impacto ambiental nos arredores de South Stradbroke Island, BEACH BREAK DE UMA PRAIA SEMIDESERTA.

STEVE BARILOTTI

O fotógrafo Steve Barilotti é um velho colaborador da revista *Surfer*. Nas últimas décadas, Steve vem tratando o surf como um dos mais importantes ícones da cultura de praia. Seus trabalhos incluem os livros de dois dos grandes mestres da fotografia: ART BREWER E TED GRAMBEAU.

SHARK ATACK

A canadense Elizabeth Dun, 28, estava surfando a menos de 400 metros da praia quando foi atacada por um tubarão num dos mais populares picos do North Shore de Oahu, Left Overs, localizado a menos de 1 quilometro de Waymea Bay. ELIZABETH DISSE QUE SEMPRE TEVE MEDO DE SER ATACADA POR UM TUBARÃO E QUE NÃO ACREDITOU QUANDO SENTIU A MORDIDA NA PERNA.

HAVAIANOS DE VERDADE

"Aqueles que ficam intimidando os outros surfistas dentro d'água não são havaianos. Os verdadeiros havaianos são aqueles que têm o aloha spirit. Eles chegam para você e dizem: 'Tudo bem, irmão!?' e lhe desejam boas ondas."

– Darrell Wong, surfista e fotógrafo.

POROROCA

A PALAVRA "POROROCA" VEM DO DIALETO INDÍGENA DO BAIXO RIO AMAZONAS E TEM SUA ORIGEM NO TERMO "POROC POROC", QUE SIGNIFICA "DESTRUIDOR", "GRANDE ESTRONDO". Os índios batizaram assim o fenômeno porque a pororoca causa barulho e destruição durante a sua passagem. A pororoca é uma onda diferente daquelas que nós, surfistas, estamos acostumados a surfar nos oceanos do planeta. Como a água doce do rio tem menos densidade do que a água salgada do mar, é melhor usar uma prancha mais grossa e com mais flutuação para surfar a pororoca. No Brasil, o fenômeno é observado no Maranhão, Pará e Amapá. Nos rios Araguari, Maicaré, Guamá, Capim, Moju, Amazonas e também nos seus demais afluen-

tes. A adrenalina de surfar em plena selva Amazônica, uma das ondas mais longas do planeta, em meio a jacarés e piranhas, é uma experiência única. A população ribeirinha garante já ter visto pororocas com mais de 4 metros de altura. O surfista Serginho Laus é o atual detentor do recorde mundial de permanência na pororoca. O brasileiro surfou a pororoca do rio Araguari por 10,1 quilômetros, em 33 minutos e 15 segundos. Recorde reconhecido pelo Guinness Book.

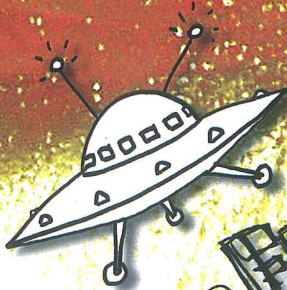
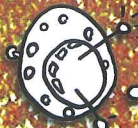
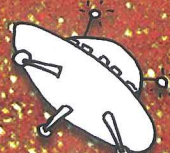
REDES EM RECIFE

Assim como acontece em Durban, na África do Sul, algumas praias do Recife, em Pernambuco, onde já houve ataques de tubarões, podem vir a ter "redes de proteção". A tecnologia foi cedida gratuitamente por uma empresa de Hong Kong, que esteve na cidade para participar de um encontro internacional sobre ataques de tubarões. Desde que foram registrados os primeiros ataques nas praias do Recife, o surf se tornou um esporte perigoso na capital pernambucana. Daqueles que os pais não querem que os filhos pratiquem. Os surfistas recifenses da nova geração são obrigados a convencer seus pais a deixá-los surfar fora dos limites da capital. Felizmente, em picos como Cupe, Maracaípe e Serrambi, ao sul do Recife, ainda NÃO FOI REGISTRADO NENHUM CASO DE ATAQUE.

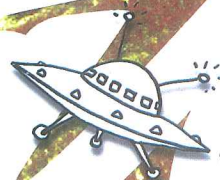
O NOVO RECORDE DE KELLY

Kelly Slater bateu mais dois recordes durante as duas primeiras etapas do WCT 2006. Depois de entrar para a história como o primeiro surfista a conquistar sete títulos mundiais, Slater celebrou na Austrália, durante a primeira etapa da temporada, sua 451ª vitória em baterias do Circuito Mundial. Detentor de vários recordes no surf profissional, entre eles o de maior pontuação numa mesma bateria (20 em 20 possíveis), Kelly Slater está prestes a quebrar mais um recorde. Contabilizando a sua vitória em Bell's Beach na segunda etapa do WCT 2006, Slater igualou o recorde do também americano, e tri-campeão mundial, Tom Curren. AGORA, SLATER E CURREN ESTÃO EMPATADOS. Ambos venceram 33 eventos do circuito mundial. Uma notícia ruim para Tom já que, pelo andar da carruagem, a próxima vitória de Kelly é apenas uma questão de tempo.

NA.....
SURFING IS A...NATURAL ART



RICARDO FERREIRA
IS THAT A FLYING SOURCE
IN THE SKY???



NATURAL ART

www.naturalart.com.br

Ph: Ivan Storti
WAVEGRAPHIX.COM.BR

Ph: Ivan Storti

fazendo a História

by Matt Warshaw

“O Surf sempre foi uma cultura de contadores de histórias e não de historiadores”

texto de capa da Surfer Magazine, edição de agosto de 2005.

SER UM HISTORIADOR DO SURF NÃO É TÃO RUIM ASSIM. Eu completo as palavras cruzadas sobre surf feitas pelo Ben Marcus com a mão nas costas. Tiro a nota máxima em todas as competições de perguntas e respostas sobre o surf e fico folheando as mais recentes publicações sobre o assunto que nem um árbitro de Wimbledon, quieto e pronto para gritar uma correção com ar de superioridade – “o Nat não tinha 19 anos quando ganhou o campeonato de 66, ele tinha 18”, ou ainda: “*This Kelly’s Cove photo... it’s flopped!*”. SÃO PRAZERES PEQUENOS, MAS NÃO DEIXAM DE SER PRAZERES.

Escolher a carreira de historiador do surf é sinônimo de muita organização e garimpo, significa fazer muitas cópias e acervos, significa que você tem que ser um ‘agricultor’ de marca maior, com seu arado e trator, cultivando os campos de dados. Mas, depois de ter preparado aquela vasta colheita de informações, é bom poder enfiar a mão e procurar as verdades e os fatos – ou pelo menos poder dizer que isso está mais perto da verdade do que aquilo – e, se for fresco e egocêntrico, afirmar que o esporte está sendo honrado pelas pessoas que fazem tais distinções, então vou ter que lidar com isso. Os fatos são importantes. Dá uma tremenda sensação de satisfação acertar os nomes e as datas. Até os contadores de história sabem disso, ou pelo menos os bons.

ALÉM DISSO, A HISTÓRIA NEM SEMPRE ESTÁ FIXA E SÓLIDA. ELA SE MEXE. Não muito, e não com muita frequência, mas o suficiente para manter as coisas interessantes. Então, se você sabe que aqueles três irmãos havaianos, e não o George Freeth, foram os primeiros a surfar na Califórnia, ou se você conseguiu identificar aquele maravilhoso tubo de esquerda na cena de abertura do programa Havaí 5-0 como sendo de ‘Rockpile’, você tem em mãos aquele momento da história do surf tão reconhecível como o Festival de Woodstock ou o vôo histórico de Charles Lindbergh, que aparecem periodicamente para mais um momento sob os holofotes, exceto que, com cada nova aparição, eles ficam um pouco diferentes. Pode ser que a história mude um pouco: novas fotos, novos fatos, novas citações. Ou que a pessoa que conta a história tem segundas intenções. E até o ambiente onde a história é contada pode influenciar o jeito como ela soa.

Trechos, em outras palavras. Contexto. Talvez até entrelinhas. O tipo de coisa que faz o historiador virar os olhos para trás e se retorcer em prazer vocacional. Por isso mesmo foi um ótimo dia quando sentei para ler a recente edição da revista *Surfer*, “45 anos de lendas e folclore”, e achei uma matéria sobre o campeonato Smirnoff Pro-Am de 1974 – aquela delícia, rica e robusta, de campeonato, MERGULHADA NO PROFUNDO AZUL-MARINHO DA HISTÓRIA DO SURF.

Recapitulando o Smirnoff: Waimea Bay, na manhã do dia de ação de graças de 1974, um enorme swell vindo do noroeste, leves ventos offshore. Os eventos eliminatórios haviam acontecido na semana anterior, em Sunset Beach. Dezoito atletas ainda na competição, três baterias classificatórias e uma final com seis competidores ainda para rolar. Às 10:40 da manhã, enquanto os surfistas da

primeira bateria estavam se vestindo para entrar na água, uma tenebrosa série de closeouts de 40 pés varreu a baía e o evento foi adiado. Passou-se uma hora. Algumas ondas grandes apareceram, mas nada de closeouts. Hora de tomar uma decisão: realizar a primeira bateria ou encerrar as atividades daquele dia. O diretor do evento, Fred Hemmings – campeão mundial de 1968 e orgulhoso durão da comunidade surfista –, queria muito colocar as coisas em andamento, mas ficou quieto enquanto se aproximavam os ainda reticentes competidores, e calado bolava sua estratégia. Chegando junto dos surfistas, Hemmings declarou que ia pegar uma onda primeiro, para mostrar aos demais que era possível surfar naquelas condições; e assim os profissionais foram praticamente forçados pela vergonha a levar a coisa adiante. A competição foi espetacular, e naquela tarde o Reno Abellira ganhou por meio ponto a disputa com Jeff Hakman e venceu a final.

A REPORTAGEM É MUITAS VEZES CHAMADA DE “O PRIMEIRO ESBOÇO DA HISTÓRIA” e o próprio Abellira fez um bom trabalho escrevendo a matéria publicada na revista *Surfer*. “It leaves you breathless” (“Isso te deixa sem fôlego”), assinatura da Smirnoff usada como título da matéria, começa com bastantes detalhes sobre o North Shore em meados dos anos 70 (biquínis de barbante, colecionadores de conchas do tipo puka, pranchas feitas por Dick Brewer pelo preço absurdo de US\$ 300). Aí, a coisa começa a esquentar quando Abellira, junto com seu amigo e co-competidor Jimmy Lucas, chega à área do evento em Waimea naquela manhã.

“O Hemmings está ainda pra cima e pra baixo no gramado atrás da torre dos salva-vidas”, escreve Abellira. “E nós nos aproximamos pra dizer bom-dia. Ninguém fala muito e todos os olhares estão voltados para as ondas. O MAR TÁ GRANDE MESMO, GIGANTE E FEIO.” Abellira e Lucas ficam observando algumas séries e então “dou um toque no ombro do Jimmy e voltamos à minha casa para tomar ‘uma dose’ de granola e tirar as pranchas do porão”. A matéria começa a falar mais sobre a ação – praia, canal, line-up, as melhores ondas da série – e finalmente entra por dentro de uma das monstruosas ondas de Waimea, quando o Abellira toma um caldo e fica preso debaixo

d’água por duas ondas, volta à superfície o toma uma terceira na cara.

A matéria “Breathless” (“Sem fôlego”) tem mais ou menos 4 mil palavras – longa para a época –, e Abellira se esforçou para aplicar o mesmo padrão de perfeição àquilo que escreveu e ao que ele tinha de surf. Mas acho que tem mais em jogo aqui (entrelinhas: sim!) do que uma simples atenção ao ofício. Em meados dos anos 70, quando não tinha pontuação no ranking do World Tour nem grandes prêmios em dinheiro, à posição entre os melhores surfistas tinha muito a ver com estilo e elegância. Abellira ganhou, e ganhou bem, o Smirnoff de Waimea, o que, em termos de melindre, o colocou só um pouco pra cá de Lopez.

Tinha um jeito melhor de consolidá-lo do que com uma grande e bem-feita matéria na mais conhecida revista do universo do surf?

Abellira não é nenhum Red Smith, mas sabe destacar um personagem principal dos figurantes. São os outros que ficaram colados na praia naquela manhã em Waimea, de cara fechada e esperando a próxima série vinda lá de fora do outside. O Reno? Voltando tranqüilamente para sua casa, para mais uma dose de granola, deixando para trás apenas um suave cheiro de Eau de Style.

O pioneiro das ondas grandes, Kimo Hollinger, veio enterrar o Smirnoff e não elogiá-lo. E o fez apenas seis meses depois do evento. Na sua matéria publicada na revista *Surfer*, “An alternative viewpoint” (“Um outro ponto de vista”), Hollinger fala que a idéia de fazer um evento em Waimea – com megafones, helicópteros, banca de jurados, bandeirolas de plástico e figuras da velha guarda, como o Jose Angel, – foi ofensiva a ponto de ser uma blasfêmia. Todos os eventos no North Shore, na verdade, eram suspeitos. “Um surfista treina a vida inteira para pegar essas ondas”, escreve Hollinger. “É tudo que ele quer na vida. Quem é a Smirnoff, ou a Hang Ten, ou o Duke, ou quem quer que seja, para dizer que não pode?”

Aqui vemos o embalo, um pedaço da história sendo virado de cabeça pra baixo num golpe de jiu-jitsu. O campeonato Smirnoff não foi uma grande marca na história do surf, mas sim uma caricatura ridícula; as competições não eram aliadas do surf, mas sim inimigas. HOLLINGER NÃO FOI O PRIMEIRO A DIZER ISSO, MAS SUA VOZ FOI UMA DAS MAIS ELEGANTES.

As competições iam acabar? Sem chance. Sem chance.



eddie would say

Verdades e mentiras nas histórias do surf

Surfistas como Hollinger continuariam a ter uma influência sobre o surf? Não muito, mas alguns nomes sim. Jim Banks, David Rastovitch – até Laird Hamilton, se quiser exagerar um pouco –, sem falar na maioria silenciosa dos surfistas ao redor do mundo, que escolheram ignorar completamente a idéia de competição.

O finalista do Smirnoff, James Jones, não estava pensando sobre nada tão nobre quanto a corrupção da alma do surf quando escreveu sobre a competição em 1985. Ele apenas queria que o mundo tivesse certeza de sua posição dentro do hall dos Deuses das Ondas Gigantes. “Eu achava que era o melhor”, disse Jones mais ou menos no meio de uma matéria bem franca, publicada na revista *Surfer* sob o título “Thanksgiving Day 74. Revisted (‘Dia de Ação de Graças de 74. Revisitado’). E caso não tivéssemos percebido na primeira vez, ele repete alguns parágrafos adiante, com as palavras: “Eu tinha chegado ao topo”.

A pergunta aqui é: como escolhemos lembrar de uma figura talentosa e bem-sucedida, mas que é um pouco difícil de gostar? O que acontece com o lugar na história do surf reservado a essa pessoa?

Jones provavelmente era o melhor surfista de ondas gigantes dos anos 70, com muita habilidade e coragem, e ambição suficiente para se tornar o primeiro surfista pegador de tubos em Waimea. Foi azar o dele chegar ao seu ápice numa década em que o surf de ondas gigantes estava tão malvisto – o campeonato de 74 e o tubo surfado por Jones dois anos mais tarde foram os dois únicos eventos dignos de comentário em Waimea durante a década de 70 –, e isso não é porque a imprensa do surf virou a cara. Ele foi entrevistado, apareceu em capas de revistas, em alguns cartazes, e recebeu muitos elogios pelas vitórias nos campeonatos de Duke em 72 e 76. Mesmo assim, ao longo dos anos, Jones tem dado a impressão de ser descortês ou petulante (“Peguei a maior onda que alguém já havia tentado”, gabou-se, falsamente, na sua matéria sobre o Smirnoff, “mas ninguém se importou”). E sua reputação sofreu por causa disso. Segundo o ditado, “A HISTÓRIA É ESCRITA PELOS VENCEDORES”. Mas o caso de Jones representa uma lição sobre o que pode acontecer com um vencedor insatisfeito, por que as suas queixas o levaram a um lugar na história do surf que, na verdade, é bem menor do que aquele que ele merece.

Em 1986, 12 anos depois do grande evento do Smirnoff em Waimea, a Quiksilver USA entrou para um outro tipo de história do surf ao se tornar a primeira empresa do ramo com ações negociadas na bolsa de valores.

A subida da Quiksilver ao domínio universal da indústria do surf, antes e depois do seu lançamento na Bolsa de Valores de Nova York, foi coisa de mestre. Os continentes foram alcançados, novos mercados foram identificados, focalizados e conquistados. A linha do tempo do surf tem passado, de alguma forma, pelo território da Quiksilver: sua série de competições King of the Groms (O Rei dos Grommets) e os vídeos da série *Young Guns* mostram a visão voltada para o futuro, enquanto os eventos do Quiksilver Masters e a biografia patrocinada pela empresa, *Mr Sunset: The Jeff Hakman Story*, representam a devoção aos antepassados do esporte.

Por que uma empresa atualizada e ainda em expansão iria se interessar pelo passado?

A HISTÓRIA REPRESENTA A AUTENTICIDADE, dá peso e equilíbrio. O surf ainda sente um certo desconforto de novo-rico em relação ao seu ascendente lugar na hierarquia cultural, traz uma incerteza, nem tanto sobre sua legitimidade e sim sobre a aparência de legitimidade, e a história empresta um pouco de gravidade. Na verdade, a história pode ser uma comodidade, como um campeão dentro da equipe ou uma bem-sucedida equipe de marketing e propaganda. E enquanto os surfistas e eventos patrocinados pela marca Quiksilver têm, por si só, produzido muita história do surf nos últimos 30 anos, nunca faz mal acrescentar um pouco mais. É por esse motivo que provavelmente foi inevitável que a marca tenha tido, mais cedo ou mais tarde, um encontro com o campeonato Smirnoff de 1974.

Mas isso levou algum tempo. No começo de 1985, aproximadamente 18 meses antes de a Quiksilver se tornar uma marca conhecida, a empresa patrocinou uma competição de surf em homenagem ao SURFISTA HAVAIANO EDDIE AIKAU, O CELEBRE MESTRE DAS ONDAS GIGANTES E SALVA-VIDAS DE WAIMEA, QUE MORREU NUM ACIDENTE MARÍTIMO EM 1978. O primeiro “Eddie” aconteceu com ondas medianas em Sunset Beach, nos primeiros meses de 1985, e imediatamente caiu no esquecimento. A Quiksilver mudou o conceito do evento para Especialistas em Ondas Gigantes e trocou o endereço, levando a competição para um lar permanente em Waimea. A edição de 1986, com o irmão caçula de Eddie, Clyde, chegou ao auge sentimental do surf por ele vencer usando nada menos que a velha prancha do Eddie. Grande sucesso. As regras de competição estabeleceram que as ondas do “Eddie” tinham que ter 20 pés ou mais, e as condições nos próximos três anos não atenderam a essa condição. O surf de ondas

www.smsantamaria.com.br
+55 11 3815.5093

SANTA
MARI

gigantes ressurgiu como o ponto mais alto e nobre do esporte, como havia sido no final da década de 50 e nos anos 60. A oportunidade para promoções não passou despercebida, e em 1990 a Quiksilver aumentou o prêmio do primeiro lugar no "Eddie" de US\$ 5.000 para US\$ 55.000. O maior prêmio pago nos campeonatos de surf até então. A empresa também deu ao evento a forte assinatura, de quatro sílabas: EDDIE WOULD GO ("EDDIE IRIA").

Voltaremos à assinatura daqui há pouco. Antes, preciso repensar aquilo que eu disse sobre James Jones ser o maior surfista de ondas grandes dos anos 70, porque Eddie Aikau, o homem-menino, nascido em natura, fenômeno de Waimea quando apareceu por lá na primeira vez, em 66, já estava mais do que à altura de Jones nos anos 70. É claro que sim. Talvez não tecnicamente, mas sem dúvida em termos de estilo. Eddie Aikau dropando do lip com as pernas arqueadas, naquela postura de pistoleiro do velho oeste, deixa o surf mais cool. O esporte surf não fica mais belo do que isso.

A QUIKSILVER USOU A LENDA DE EDDIE AIKAU TÃO BEM QUANTO AIKAU DESLIZOU PELAS ONDAS DE WAIMEA. EDDIE SAÍA CORRENDO PARA O MAR QUANDO AS ONDAS CHEGAVAM A 20, 25, 30 PÉS: **Eddie Would Go!**

Essa é uma epigrama perfeita para as ondas gigantes, um convite e um desafio aos competidores da Quiksilver / Eddie (todos os quais também iriam), que rapidamente se tornou parte do código secreto acompanhado por um piscar de olhos no mundo do surf. Sabemos quem é Eddie e aonde ele iria. Vocês, os que não surfam, não sabem. Adesivos escritos em preto no branco, com os disseres "EDDIE WOULD GO", foram distribuídos entre dezenas de milhares de pessoas e apareceram nos pára-choques de carros em lugares tão diversos como Honolulu, Los Angeles, Nova York, Londres ou Hong Kong. Adesivos falsificados estão sendo vendidos, via internet, pelo preço de 3 dólares mais o frete. A competição em si – conhecida formalmente como Quiksilver in Memory of Eddie Aikau Big-Wave Invitational – se tornou o evento de maior prestígio do mundo do surf, e isso, por sua vez, aumentou a procura dos adesivos. E daí foi apenas um pulinho até chegar no Eddie Would Go, na biografia do Aikau *Eddie Would Go*, na peça teatral *Eddie Would Go* e na banda punk

"O Surf sempre foi uma cultura de contadores de histórias e não de historiadores"

EDDIE AIKAU

EDDIE AIKAU

EDDIE AIKAU

EDDIE AIKAU

EDDIE AIKAU

EDDIE AIKAU

Eddie Would Go, de Melbourne, Austrália. A assinatura ficou maior que o evento, e até maior que o próprio Eddie. Com certeza ela cresceu além da história. Pelo menos é assim que eu entendo, depois de ler "Because Eddie said so" ("Porque Eddie disse que era assim"), a mais recente matéria sobre o campeonato Smirnoff de 1974, publicada na edição da revista *Surfer* "Legends and Lore" ("Lendas e Folclore") de 2005.

Foi assim que aconteceu naquela manhã do Smirnoff, segundo a revista *Surfer*: Waimea Bay, uma série apavorante de closeouts, evento adiado, grupo de surfistas profissionais nervosos e se perguntando o que ia acontecer. Até então, tudo bem. O diretor do evento Fred Hemmings reúne os competidores e diz que a coisa vai ser feita de forma democrática. Ele coloca uma pergunta para o

grupo **"QUEM ESTÁ PRONTO PARA IR?"**.

Nada. Silêncio. Algumas pessoas com a cabeça abaixada. "Ai", **conta a *Surfer***, "todo mundo virou para o Eddie Aikau – de fato o líder espiritual do grupo –, que foi o primeiro a falar, quando disse, **EU VOU. O RESTO É HISTÓRIA.**"

ENTÃO É ISSO. GÊNESIS. "EDDIE WOULD GO". Ele disse. Quando a *Surfer* afirma que a nossa cultura é de contadores de história e não de historiadores, acho que o que eles querem dizer é que a nossa versão sobre um evento como o Smirnoff é melhor que a versão que seria contada por historiador de testa franzida e boca de bunda de galinha.

Quem sabe eles têm razão. Mas ofereço uma pequena correção, mesmo assim: EDDIE AIKAU FOI UM MONSTRO AMÁVEL DO SURF DE ONDAS GIGANTES, UM IMPERADOR DE WAIMEA, um verdadeiro imortal do surf que merece a grande honra. O que ele não era, no Dia de Ação de Graças de 1974, é um competidor no campeonato Smirnoff Pro-Am. Ele não passou nas eliminatórias, uma semana antes, em Sunset Beach.


"Eddie Would Go", sem dúvida ele iria. Mas o historiador que vive dentro de mim imagina que a frase "Eddie Would Go" vem direto da equipe de marketing da Quiksilver, e não do próprio Eddie. O resto é marketing.

EDDIE AIKAU

The image shows a woman with long dark hair, wearing a black top and patterned shorts, sitting on a large wooden log. The log is covered in graffiti, including the words "SANTA MARIA" and "PEACE FOR YOU" with a peace symbol and a lightbulb. The background is a lush green field with tall grass. In the bottom right corner, there is a logo for "SANTA MARIA" with a star and the tagline "A seus pés...". Below the logo, the website "www.smsantamaria.com.br" and the phone number "+55 11 3815.5093" are displayed.

quiksilver.com



KELLY 7x world champ
VS **SLATER**
Quiksilver 

Doyle, desassombrado, demonstra como o mito foi detonando o homem ao longo do tempo. De profeta de Malibu, primeiro profissional do surf, a um carinho que começava a pirar com pequenas coisas que disparavam sua imaginação acelerada: incêndios florestais ao redor de Los Angeles, o assassinato de Kennedy, um eminente colapso da economia global – desequilíbrios preocupantes que Doyle prefere chamar excentricidades.

Com o tempo, diz, as opiniões sobre Dora experimentaram uma polarização crescente. Enquanto alguns viam nele um gênio criativo e um herói a ser venerado, outros chamavam-no de hipócrita. Por um lado, Dora constantemente atacava a comercialização do surf, odiando o que chamava de “nauseating phony endorsements” (patrocínios mentirosos e nauseabundos), que dizia perverterem o surf em favor de promotores gananciosos. **MAS, PARALELAMENTE, DORA VENDIA SEU APOIO PARA AS PRANCHAS DE GREG NOLL E APARECIA EM FILMES – COMO GIDGET GOES TO ROME E RIDE DE WILD SURF –, QUE, NA VISÃO DE DOYLE, FORAM AS COISAS QUE MAIS FIZERAM PARA PERVERTER A INTEGRIDADE DO SURF.**

Estão vendo? D'Orey não está só.

E CONCLUI: “OLHANDO PARA TRAZ, VEJO QUE DORA MANIPULAVA O SISTEMA PARA ATRAIR ATENÇÃO PARA SI PRÓPRIO. Dora era um promotor e seu cliente favorito era ele mesmo. Ainda assim, quem conheceu Dora em seus melhores momentos tem que admitir que era um gênio. Estimulava a imaginação de todo mundo, uma grande parte do que passou a ser a CULTURA CALIFORNIANA DO SURF ERA PURO DORA”.

“Tinha tal carisma e estilo, que eu, como todo mundo, não tinha como não ficar superimpressionado com ele. Evidentemente nunca iria conseguir se adaptar à vida comum, um emprego regular, uma casa no subúrbio – mas, na praia, Dora estava sempre em casa”.

“No verão de 92, Nat, operando para a Oxbow, convidou Dora e outros para um evento de longboard em Biarritz. Para surpresa de todo mundo, Mickey

apareceu. Encontrei-o todos os dias e tentei várias vezes conversar – mas não dava. **PARECIA QUE DORA FALAVA POR ENIGMAS, NADA DO QUE DIZIA FAZIA O MENOR SENTIDO PARA MIM. A REBELDIA, A IDADE, AS PRISÕES, A VIDA SEM FAMÍLIA, SEM DINHEIRO, FINALMENTE COBRARAM SEU PREÇO.”**

Quem – no surf – não conhece uma história igual?

NA MÚSICA QUE SEMPRE SERÁ, APOLO E DIONISIO CAEM NO SAMBA

OS GREGOS JÁ SABIAM, fizeram até historinha, você sabe ou deveria saber. Mas talvez o que você e o d'Orey – com todo o respeito – **NÃO SAIBAM É O QUE PASSO A DIZER.**

A civilização judaico-cristã, filha diletta da greco-romana, é, como diz o sociólogo Maffesoli, a luta pelo dever-ser. Ou seja, **devemos ser bons, puros, justos.** Como não o somos presentemente, nossa batalha é para vir a ser tudo isso. Quando lá chegarmos, ahá, tudo vai estar no seu lugar, na terra o paraíso, e da vida a felicidade: Apolo reinará, Cristo triunfará, anjos sorrirão, seremos iluminados y realizados. Ale-lu-ia!

PROBLEMA É O TREMENDO ERRO DESTA EQUAÇÃO, UMA INGENUIDADE, UMA MÁ LEITURA DA NATUREZA E SEUS MEIOS. NELA O BEM E O MAL CONVIVEM, E É UM ERRO IGNORAR AS QUALIDADES DO MAL – COMO É ERRADO DEIXÁ-LO DOMINAR OU NÃO APROVEITAR-SE DELE.

Complexo? Leia mais: Maffesoli diz que o diabo – claro, o que representa, o símbolo – oferece qualidades muito úteis, que não devem ser ignoradas ou desprezadas. Dora tem um lado diabo muito forte, sucumbiu a ele. Não precisamos dançar nessa armadilha óbvia, podemos aprender com ela. **QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DO LADO CAPETA? Rebelia, inconformismo, inquietude, incongruência, un coté ladrão e patife**

Kenner®
ORIGINAL

K.I.T. KONKAVE IMPACT TECHNOLOGY

classic®

40

www.sandaliaskenner.com

ao lado de um encantador generoso e envolvente, mágica e perigo de mãos dadas. O gosto pelo diferente, pelo contraditório, pelo inédito, pela experiência, pela negação. A Vida como Arte...

São Forças Vitais, não se enganem. Aparecem na infância, na molecagem, no sexo, no amor, nos jogos, na luta, na poesia, nos encantos malandros do cinema – em toda a criatividade!

CABE A NÓS ENTENDÊ-LAS, RESPEITÁ-LAS PELO QUE NOS TRAZEM, PELO QUESTIONAMENTO CONSTANTE QUE EXPRESSAM, PELA OPOSIÇÃO FRUTÍFERA QUE NOS APRESENTAM – SEM DEIXAR QUE NOS DOMINEM, NOS ABARQUEM E NOS REDUZAM A ELAS.

ELAS TÊM QUE NOS SERVIR, O TINHOSO QUE FIQUE NO LUGAR DELE – **afinal, o bem tem que prevalecer.** Mas só no finalzinho, fazendo aquela diferença que faz, de um, o que experimenta e de outro, um viciado; de um, um guerreiro e de outro, um valentão covarde; de um, surfista de alma para um encardido qualquer do pico. Dessa gente que passa direto para o esquecimento para aqueles que estão sempre presentes como lembranças poderosas e energizantes. Inspiradoras.

O MAL É BOM, COMO A SOMBRA PREVÊ A LUZ

O MAL É ÚTIL. É CERTAMENTE ELE QUE INSPIRA D'OREY EM SEUS ESCRITOS INCONFORMADOS, ANSIOSOS, PRENHES DA POLÊMICA. **DAÍ A FONTE DE SURPRESAS E LEITURAS INESPERADAS DOS MESMOS FATOS. É O MESMO QUE ME INSPIRA AGORA E QUE ESPERO O ESTEJA AJUDANDO A TERMINAR O ESCRITO.**

Ignorar isso é fechar os olhos para a magia de um surfista de alma como o Dora, a lenda. É virar as costas para os símbolos que nos inspiraram a surfar de verdade, a viver como vivemos, perseguindo

a magia da onda se abrindo para nós, os sons, as belezas da vida – **as coisas que, não tendo preço, têm todo valor.**

Pensar que cada um de nós possa viver como ele, com o talento, a inquietação e o encanto que Deus lhe deu, ou olhar seu percurso com olhos conservadores e racionais é auto-engano. Nosso Moderno, Dora, vale como símbolo, como statement de valores que não se sustentam numa sociedade ingênua que busca a pureza que nunca teremos - nem nos faria bem algum.

Dora Lives - e assim o fará enquanto ainda viver em nós Aquele Outro, que nos impele e compele a fazer o que não faríamos, mas que fazendo nos torna pessoas de verdade, reais - metade anjos, metade diabos:
estes Surfistas de Alma.



PHOTO: ALEX LAUREL



RussWinter
gul

- Q 100% XFLEX UPPER BODY
- Q COSTURA BLINDADA
- Q NEOPRENE SUPERLITE TITANIUM 2
- Q GOLA EXCLUSIVA PRO NECK SEAL

PROFILE

3/2 LIQUIDSEAM SYSTEM
BLINDSTITCH STEAMER



Felipe Dantas

Por Adriano Vasconcellos

O POTIGUAR FELIPE DANTAS, HOJE COM 44 ANOS, PODE SER CONSIDERADO UM DOS PRIMEIROS SURFISTAS DO NORDESTE A BATALHAR POR UM ESPAÇO NO SURF BRASILEIRO E, PORQUE NÃO DIZER, MUNDIAL. Como consequência, abriu as portas para um grande número de seguidores, que depois também se tornaram ícones do surf nacional. Surfista arrojado, sempre em excelente forma física e atualizado com o surf mundial, Dantas se destaca em qualquer free surf, seja no meio de profissionais ou de surfistas renomados. **Legítimo tube rider, Felipe Dantas é ídolo no Nordeste. Nomes como Fábio Gouveia, Aldemir Calunga, Hemerson Mariano, Eraldo Gueiros, entre muitos outros vindos da região mais seca do país, admiram e seguem os passos desse descobridor de picos, tubos e fundos de pedras.**

Felipe Dantas ficou famoso e conhecido em todo o Brasil no ano de 1987, quando emplacou um tubaço na capa da revista *Fluir*, numa época em que o surf vivia o verdadeiro lifestyle do esporte. Aquela foto, aquela matéria, intitulada "4° ao sul do Equador", marcou época não só da mídia segmentada, como também mexeu com os sonhos de muitos surfistas espalhados pelo Brasil. O pico de beleza exuberante e ondas tubulares usado como palco foi chamado de "uma pequena ilha em um arquipélago tropical",

fotos arquivo pessoal

E o Brasil secreto



Boldr
"uma pequena ilha
um arquipélago"

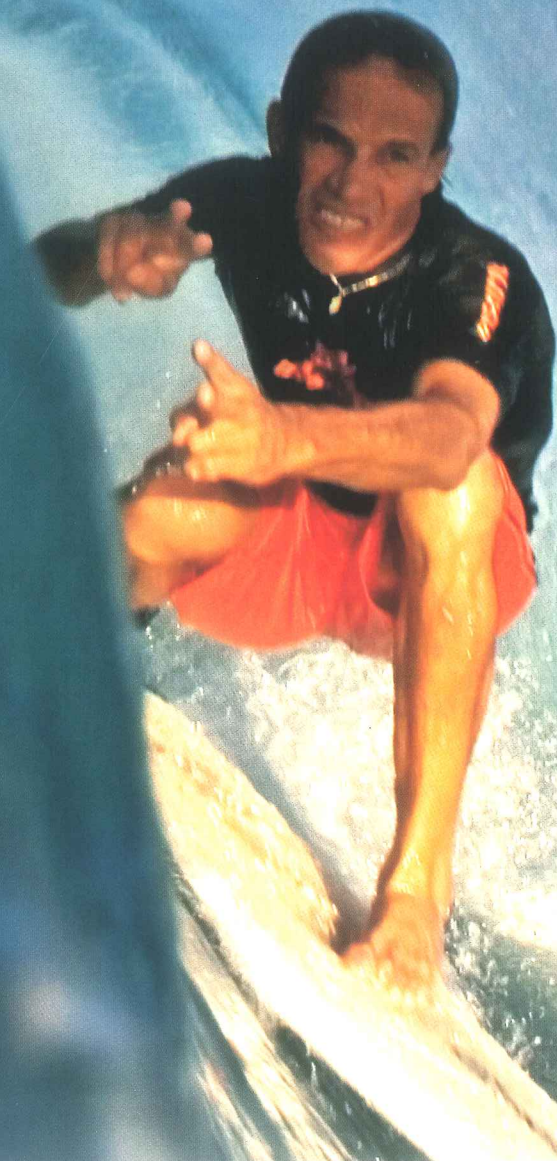
um segredo bem guardado que só Dantas e seus amigos conheciam há mais de uma década. E, até hoje, muitos o apontam como um dos descobridores de Fernando de Noronha para o surf, onde sua performance marca forte presença como um dos melhores tube riders da Cacimba do Padre.

DANTAS CONTINUA SUA BUSCA PESSOAL, QUE É DESCOBRIR NOVOS POINTS E TESTAR REEFS NO NORDESTE DO PAÍS. NÃO É UMA UNANIMIDADE DENTRO DA COMUNIDADE E COLECIONA ALGUNS DESAFETOS, MAS NÃO ABAIXA A GUARDA QUANDO A QUESTÃO GIRA EM TORNO DO RUMO DO SURF TUPINIQUIM OU SOBRE OS PATRIMÔNIOS NORDESTINOS, sejam eles culturais, naturais ou humanos, e não pensa duas vezes para falar, defender, criticar, sugerir ou contestar o sistema. Seu projeto de vida está cada vez mais voltado às suas origens e mais próximo das raízes do surf do Rio Grande do Norte. Para isso, o 'embaixador do nordeste', como é conhecido Dantas e que já foi competidor do Circuito Mundial, montou uma equipe de fotógrafos, cinegrafistas e surfistas para **ampliar a busca, descobrir e revelar o "Brasil secreto"**.

O início da busca do BRASIL SECRETO

LUIS FELIPE CAMPOS MELO DANTAS NASCEU EM NATAL EM OUTUBRO DE 1961, NO RIO GRANDE DO NORTE. Foi por ali, na praia de Ponta Negra, que ele ainda criança teve os primeiros contatos com o surf, com apenas 8 anos de idade. Um pranchão de madeirite de aproximados 10 pés foi a primeira de muitas que ainda viriam, no início do fascínio de toda uma geração natalense. Felipe aprendeu a surfar junto com irmão Jorge Dantas, o seu primeiro exemplo. Os dois surfavam juntos naquele madeirite encapado com isopor pelo seu pai, Milson Dantas, e sem dúvida faziam a alegria da galera local. A saudável rivalidade com o irmão não demorou a aguçar os objetivos do caçula da família, e, em julho de 1976, Felipe encarou e venceu o seu primeiro campeonato, o do Colégio Marista de Natal, onde estudava; segundo Dantas, "aquela vitória mudou a minha vida, acreditei em um novo caminho".

Nesse mesmo verão, Dantas viu pela televisão umas imagens do lendário Pepê Lopes surfando Banzai Pipeline. Ficou boquiaberto com a qualidade da onda havaiana e pasmo com a intimidade que o brasileiro tinha com a esquerda mais famosa do mundo. **"Aquilo**



mexeu comigo como um furacão em ebulição; descobri que realmente existia a busca da onda perfeita." Foi quando Felipe, junto de Flavio Pororoca, Ivo, Zeca Line e mais dois amigos, decidiu dar asas ao sonho e rumou até... Fernando de Noronha. O surfista diz ter a imagem do primeiro contato com o **pará-**

SO ainda fresca na memória. "Eu me lembro como se fosse ontem. Chegamos na areia da praia no meio da tarde, e o visual de maré seca no Boldró foi alucinante, magicamente perfeito, inesquecível, nunca mais saiu da minha cabeça."

A trupe natalense continuou desbravando picos da "ESMERALDA DO ATLÂNTICO", e nessa viagem aconteceu um outro encontro com a magia local. "Quando vi a Cacimba do Padre girando altas ondas com o visual do morro dos Dois Irmãos ricamente desenhado, falei para mim mesmo – **MEU DEUS DO CÉU, O PARAÍSO EXISTE!**"

Dantas e seus amigos continuaram surfando Noronha sozinhos até a segunda metade da década de 80, sem crowd nenhum, enquanto conseguiram preservar o arquipélago secreto. O surfista descreve a ilha naqueles tempos. "TUDO ERA MAGIA EM NORONHA. Nós pescávamos com facilidade, havia uma abundância enorme de peixes, tartarugas e outros animais marinhos. Fome não passávamos, pelo contrário, vivíamos da forma mais saudável que existe." O contato com Fernando de Noronha era o melhor possível, e Dantas foi fazendo amizades por onde passava. Uma delas foi a do ilustre e saudoso capitão Jacques-Yves Cousteau, na passagem do navio *Calypso* por águas brasileiras.

O surf evoluiu rapidamente na década de 80, e vários picos de ondas foram brotando na nossa costa da mesma forma que surgiam surfistas, notícias, novas mídias e veículos de informação sobre o surf e esportes praticados ao ar livre. Foi quando, em 1987, uma equipe de cinco surfistas do primeiro escalão do surf nacional partiu velejando na direção do paraíso encantado, localizado '4º ao sul Equador'. Os paulistas Zecão de Ubatuba, Taiu Bueno e Magnus Dias,

acompanhados dos potiguares Juscelino Peixe e do próprio Felipe Dantas, organizador da viagem, mostraram paisagens paradisíacas e ondas de qualidade internacional ao Brasil e ao mundo, em plenas águas tupiniquins. O fotógrafo Bruno Alves registrou tudo e depois emplacou uma bela matéria na revista

Fluir. "Conheci o 'Galego' quebrando na praia da Pipa em 1978, que na época era um buraco perdido. Quase uma década depois eu o reencontrei durante o OP Pro na praia da Joaquina, em Florianópolis, e após uma rápida conversa acertamos a viagem. Uma semana

adiante, já estávamos em Natal aguardando a saída do veleiro", comenta o fotógrafo. "Foi uma expedição maravilhosa, na companhia do capitão Peter, que nos deixou dois dias perdidos em alto-mar até nos levar ao paraíso. O Felipe Dantas demonstrou enorme conhecimento dos picos de Noronha; prova disso é que ele saiu nas melhores fotos, inclusive na capa da revista." E conclui, com respeito e admiração: "O Felipe Dantas é um dos melhores caçadores de tubos que conheço. Profundo conhecedor de fundos, vento e swell, pois consegue enxergar ondas em lugares em que nós, simples mortais, não vemos. Um excelente companheiro de viagem, nunca deixa o astral de uma barca baixar. Só existe um Felipe Dantas, aparecer outro vai ser muito difícil".

Felipe Dantas 'international surfing'

O embaixador do surf nordestino também trilhou um caminho vitorioso fora do Brasil. Em dezembro de 1979, depois de muito treino nos cilindros noronhenses, partiu em direção do Havaí. Nessa temporada, Dantas viu e conheceu nomes como o do big-rider havaiano Dane Kea-



Zeca, Felipe Dantas e Ivo, nos primeiros passos do surf em Noronha. Boldró 1977

O paraíso existe!

loha, do sul-africano Shaun Thomson e do australiano Cheyne Horan. Este último, inclusive, Dantas o tem como um amigo e grande incentivador no esporte. "O Cheyne Horan me influenciou muito. Eu o tenho como um dos grandes incentivadores quanto à postura séria que o surfista deve adotar, como cuidar do corpo e da mente, postura e educação dentro e fora do mar", conta o entusiasta nordestino. Dantas passou muitas outras temporadas no Hawaii, e tem orgulho de contar histórias e fatos que viveu. "Tive a oportunidade de presenciar por muitas vezes os DUELOS ENTRE TOM CARROL E TOM CURREN, que pra mim foi a época de ouro do surf, em que tudo era mais profundo, místico, confrontos que foram um dos PONTOS ALTOS DO NOSSO ESPORTE."

Em 90, ele ampliou a busca e fez uma longa viagem pela Austrália na companhia dos ídolos e amigos Cheyne Horan, Tom Carrol, Wayne Lynch, Rob Page e Brad Gerlach, que mudou seu comportamento político dentro do surf nacional. "Conheci ondas impressionantes da Gold Cost a Vitória e Port Campbell, acompanhado de grandes mitos do surf. Foi nessa surf trip que comecei a escutar conversas sobre as mudanças que aconteceriam no Circuito Mundial." E Dantas ampliou sua volta ao mundo. "Depois fui para a Europa, onde assisti a performance do POTTZ, e o aparecimento de KELLY SLATER."

Em busca de vitórias e mudanças

Paralelamente às surf trips, Felipe Dantas também corria vários campeonatos nacionais e o Circuito Mundial. "Minha carreira profissional começou pra valer quando faturei o Nordeste Pro em Maracaípe, onde ganhei um automóvel". Ele também se saiu muito bem nos festivais de Itamambuca (Ubatuba) e Saquarema (RJ), e fez a



Itamambuca, 1983

final do Alternativa Surf, etapa WQS, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde adquiriu vaga no WCT moderno. "Ganhei uma bateria contra o Shane Herring, que naquele momento era a sensação australiana."

Outros importantes resultados surgiram no exterior, como chegar a uma semifinal na Ericeira, em Portugal, onde venceu o americano Shane Dorian por duas vezes, e a vitória num campeonato do Circuito Europeu promovido pela OxBow. Em 1990, Dantas conseguiu outra façanha quando sua imagem preencheu as telas das tevês havaianas no noticiário local, após sua grande atuação durante a World Cup, em

Sunset Beach. A peregrinação à procura das melhores ondas do globo terrestre continuou, até ele encerrar a carreira profissional durante a etapa do QS de Noronha, em 2003, sem muito alarde. Mas A BATALHA NÃO FOI APENAS POR TÍTULOS, DINHEIRO, FAMA OU GLAMOUR.

O polêmico potiguar sempre foi conhecido pela luta imposta por mudanças no direcionamento do surf brasileiro, seja nas questões relacionadas à estrutura, formato de competição ou valorização dos atletas. "Sempre preferi ser independente da máquina e defender com unhas e dentes os direitos e os deveres dos surfistas brasileiros", esbraveja o arretado surfista. "Existe uma

distorção entre lucro empresarial e os salários dos atletas profissionais, pois os ganhos das empresas são infinitamente maiores se comparados aos recebidos pelos surfistas, que são as vitrines das marcas. VIVEMOS NUMA ESPÉCIE DE CICLO CORROSIVO E VICIOSO NO SURF NACIONAL". Ainda assim, Dantas se mantém otimista e também aponta soluções simples para os problemas vividos pelas entidades que comandam o destino do surf verde-amarelo: "O que falta é a integração da comunidade e a troca de experiências entre os surfistas mais antigos e os mais novos, como acontece lá fora, promovendo um respeito maior entre as gerações. OS SURFISTAS BRASILEIROS TÊM FEITO MILAGRES PARA CONSEGUIR COMPETIR E VENCER NO EXTERIOR".

surfer :: thiago "testinha"

www.vikingsurfboards.com

TECCEL

usa / brazil

importers of

TECCEL

usa / brazil

VIKING SURFBOARDS

VIKING

Showroom

Rodovia Rio-Santos km 174,5
Praia Preta · São Sebastião · SP

Rua José Ricardo, 51 cj. 47 · Santos · SP
Tels.: 13 3219.5693 e 13 3219.8580

Documentário: "Ondas e lendas de um Brasil Secreto"

O PROJETO BRASIL SECRETO NASCEU da necessidade interna do Embaixador do Surf Nordeste em procurar melhores condições de surf nos quase 8 mil quilômetros de costa litorânea de nosso país, sempre com a bússola voltada à região nordeste do Brasil. O projeto conta com o apoio de uma equipe que engloba desde especialistas em monitoramentos e previsões enviadas por bóias e satélites de observação de swells, pilotos aéreos de carreira, biólogos, pesquisadores, marinheiros e oceanógrafos, até mergulhadores, pescadores e caiaçaras. Dantas e sua equipe estão percorrendo toda a costa nordestina atrás de novos picos de surf e de fundos de pedra que apresentem condições para a prática esportiva e que estão escondidos no litoral da região; registrando, fotografando e filmando tudo, para depois, expor os resultados do projeto que tem lançamento previsto para outubro de 2006.

Dantas relata que já percorreu grande parte do litoral nordestino, mas que muitos outros picos ainda serão descobertos, pois a missão não tem fim. "TENHO DEDICADO MINHA VIDA A ETERNA BUSCA PELA ONDA PERFEITA. Aos poucos, com muito trabalho e perseverança, vou desvendando os segredos, mistérios e as lendas do surf do nosso rico e amado Brasil. Vou escutando histórias e seguindo intuições, mas sempre preservando os locais descobertos, bem como as suas comunidades da invasão imposta pelo progresso", relata o obstinado surfista da região mais pobre do país.

Fabio Gouveia, atual campeão do Super Surf e ex-Top do WCT, diz que tem Felipe Dantas como espelho. "Quando comecei a surfar, ficava ligado em tudo que o Felipe Dantas fazia dentro d'água. Foi o primeiro cara que vi executar um floater e posso dizer que aprendi isso com ele, mesmo não tendo um contato mais próximo. Eu espiava o jeito que ele surfava, ficava observando as manobras", conta o surfista de maior expressão do surf nacional. "Em Baía Formosa (praia do extremo norte do Rio Grande do Norte), eu fazia questão de acordar ainda de noite e entrar na água antes dele, o que era quase impossível já que Dantas sempre madruga no mar, para tentar chamar a sua atenção de alguma forma e surfar junto com meu ídolo da época", revela o Fabuloso, que rasga elogios a Dantas. "Seu surf

é explosivo e sua maneira de entubar e puxar os round houses e cut backs enchem meus olhos. Nessa temporada atual tive a oportunidade de vê-lo surfar alguns tubos em Noronha e constatei que sua arte de entubar ainda está pra moleque nenhum botar defeito. FELIPE DANTAS ESTÁ À PROVA DO TEMPO, É UM CRAQUE DO SURF".

Outro grande surfista brasileiro que admira Dantas é o caçador de ondas gigantes Eraldo Gueiros. O pernambucano praticante de tow-in e um dos mais respeitados surfistas que desafiam as ondas de Jaws, diz que também teve Felipe como exemplo. "Quando eu comecei a surfar, o admirava por toda a sua dedicação ao esporte. ELE ERA O GRINGO DO NORDESTE, tinha bom gosto em surf e em equipamentos, sempre um passo à frente como uma referência. Felipe Dantas é o cara mais fissurado pelo surf que eu já conheci, e só o comparo ao Roberto Valério, um exemplo de determinação".

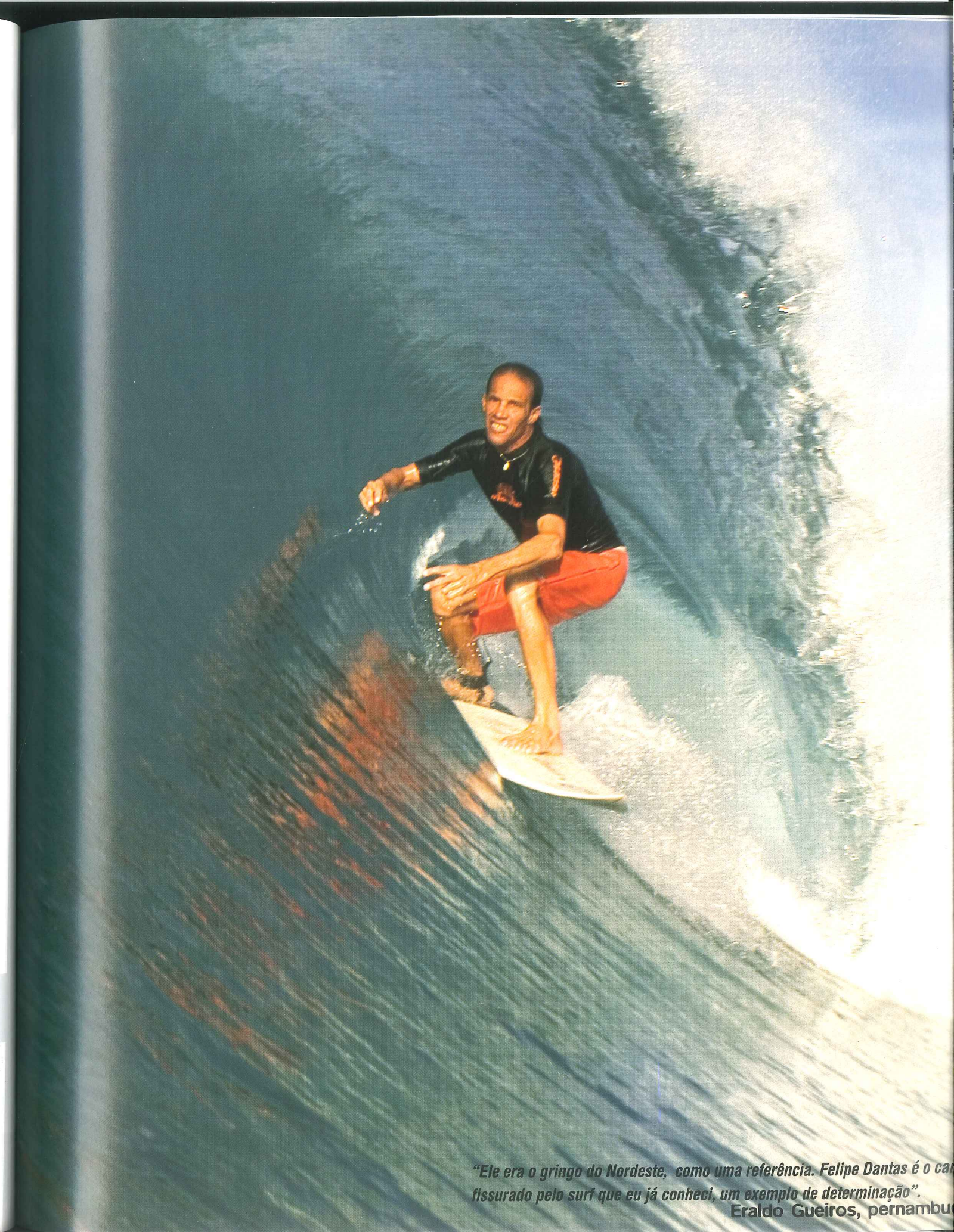
Felipe Dantas continua sua caminhada árdua e conclui que seu projeto de vida está direcionado em prol da evolução do surf brasileiro. "O Brasil Secreto não é só um projeto simples ou comercial de um filme ou um vídeo. Essa produção toda está ligada com minha vida, que é inteira dedicada ao surf. O que mais almejo é uma reformulação completa no surf brasileiro; com competência, profissionalismo e legitimidade com as raízes do esporte". E finaliza com um sorriso e certo 'ar de satisfação'. "Temos ótimos surfistas de diferentes estilos espalhados por esse mundão. Isso sem falar nos 'extra-riders', que são respeitados no mundo inteiro. Isso é excelente porque incentiva a molecada e cria vários surfistas corajosos que adotam o freesurf como estilo de vida. ESTAREI TOTALMENTE SATISFEITO QUANDO NÓS LUTARMOS DE IGUAL PARA IGUAL COM OS GRINGOS durante as baterias e quem sabe, teremos em breve um Campeão do Tour Mundial. Aí então continuarei a dar asas ao meu surf, pois sentirei uma imensa felicidade de poder ter o prazer de enfim, ter o sentimento de missão cumprida".

Consulta Bibliográfica

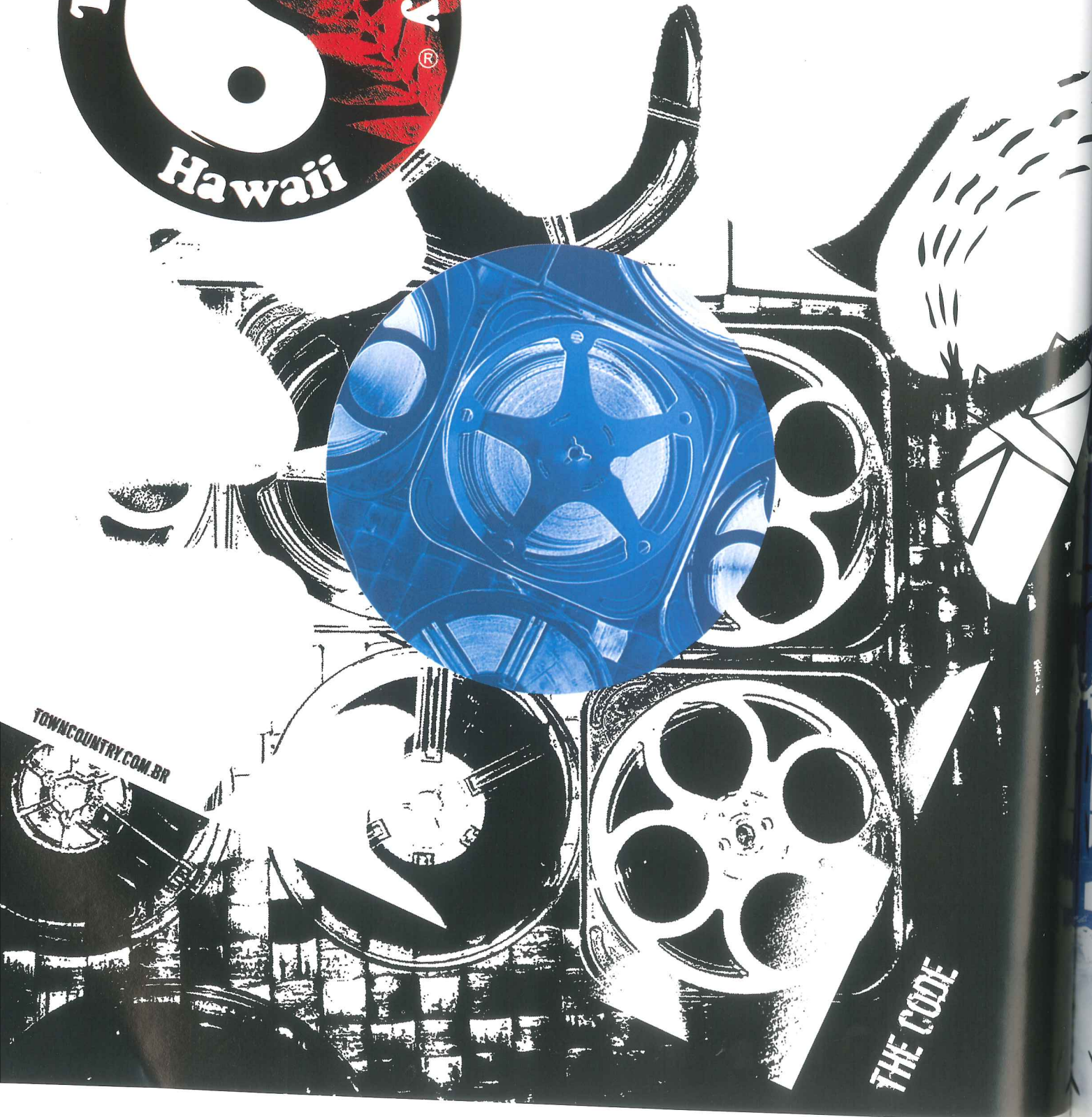
Henrique Medeiros, *Uma Onda Sem Fim, a história do surf no Rio Grande do Norte*.

Agradecimentos:

Bruno C. Alves, Eraldo Gueiros, Fabio Gouveia, Henrique Medeiros, Marco Aurélio Medeiros Silva, e Rosaldo Cavalcanti.



"Ele era o gringo do Nordeste, como uma referência. Felipe Dantas é o cara fissurado pelo surf que eu já conheci, um exemplo de determinação".
Eraldo Gueiros, pernambucano



TOWNCOUNTRY.COM.BR

THE CODE

LIVE LIKE THIS



BRIAN PACHECO PIPELINE

SEAFRONT IMP. E EXP. LTDA - REPRESENTANTE OFICIAL DA TOWN & COUNTRY NO BRASIL

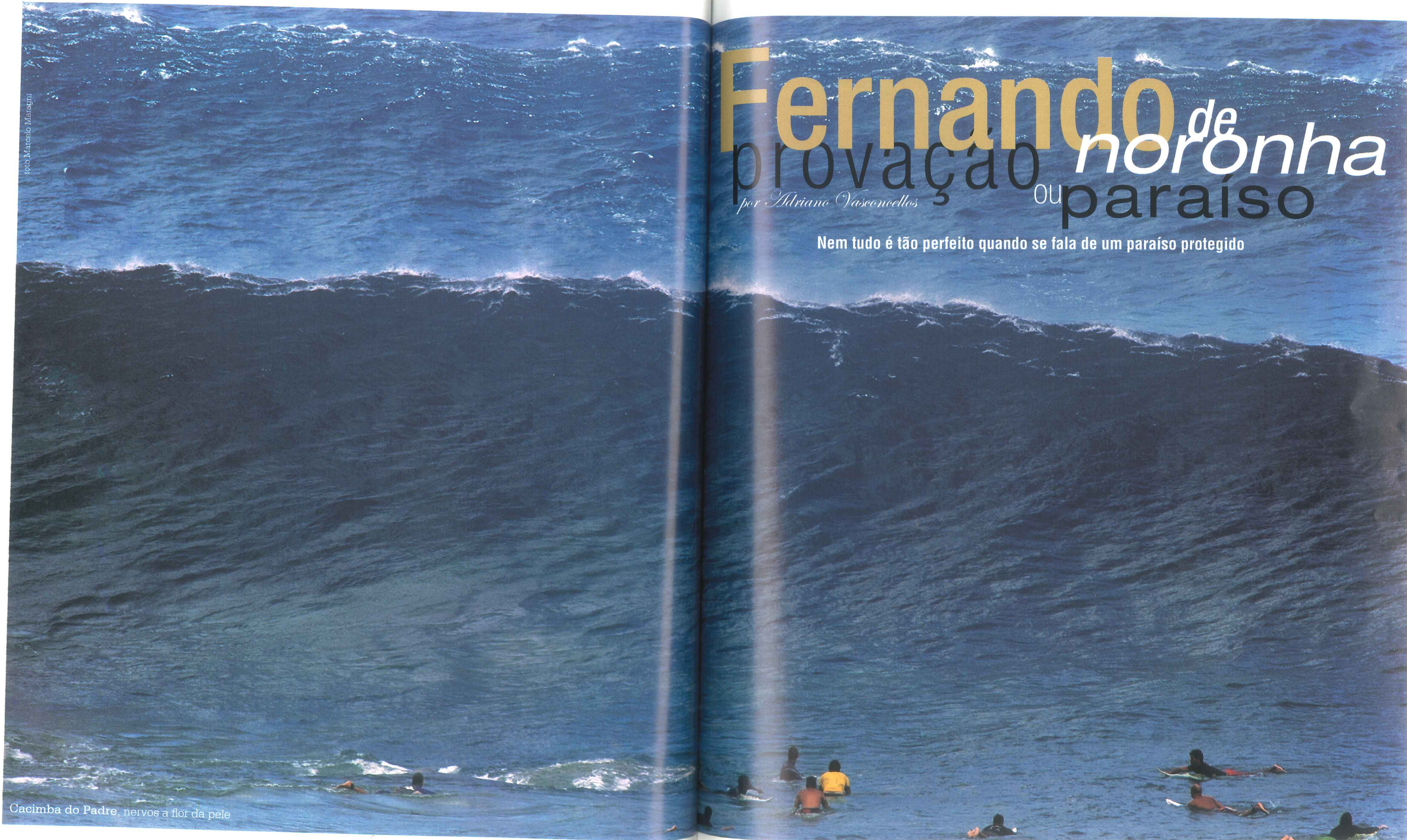
foto Marcelo Maragni

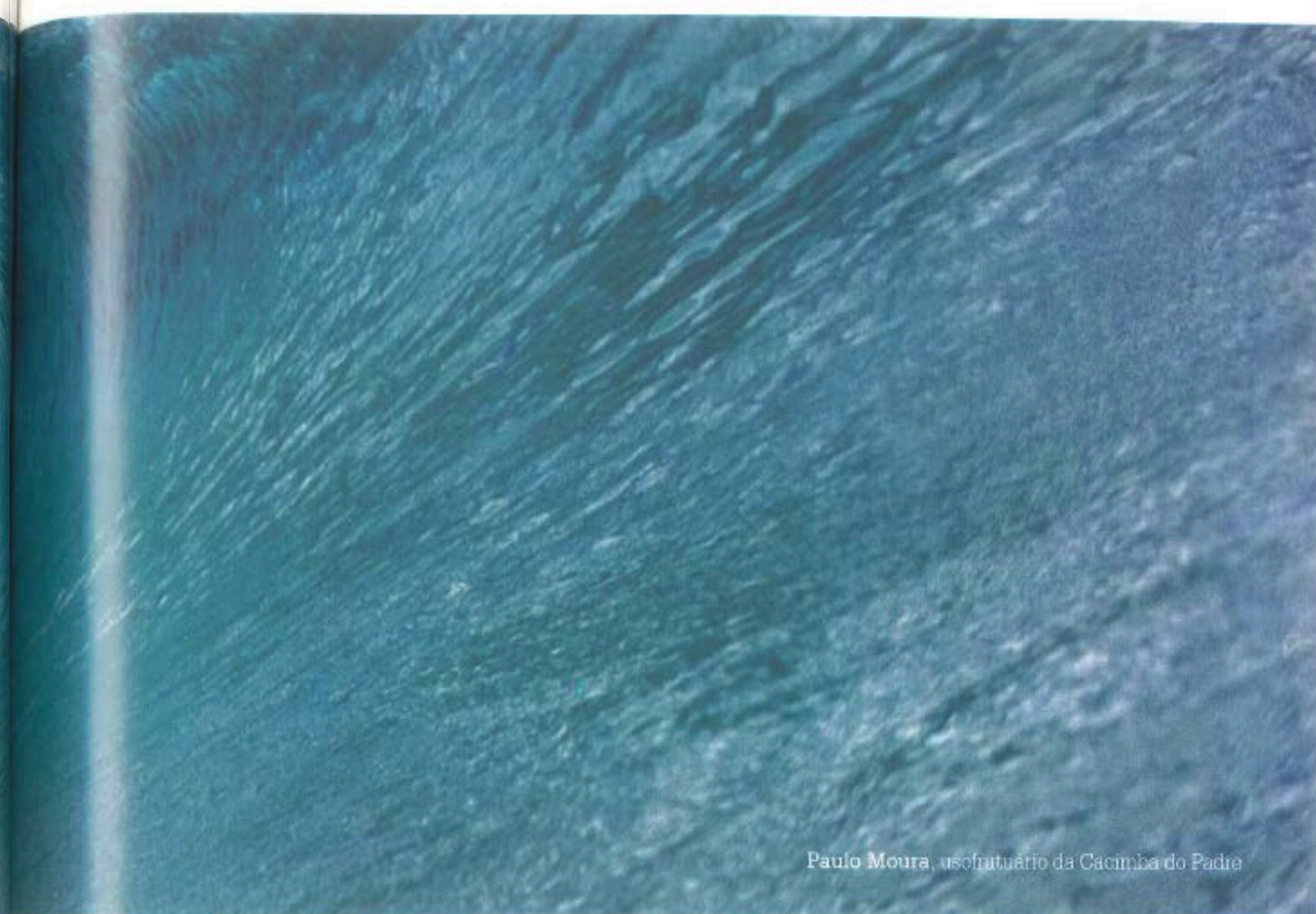
Fernando de provação noronha ou paraíso

por Adriano Vasconcelos

Nem tudo é tão perfeito quando se fala de um paraíso protegido

Cacimba do Padre, nervos a flor da pele





Paulo Moura, usufrutuário da Cacimba do Padre

A fama de Noronha não vem de hoje, e desde a sua descoberta para o surf na metade da década de 70, o arquipélago ganhou visibilidade ao ser chamado de Hawaii brasileiro – inclusive por nós mesmos, nesta temporada (matéria “Primeiro swell de Noronha”, edição #31). TALVEZ AÍ COMECE A BUSCA DA ALMA SURF, QUE É DESMISTIFICAR RÓTULOS E ENTRAR DE CABEÇA NESSA BATALHA INTERMINÁVEL DO HOMEM *versus* NATUREZA, levantando a indagação: SERÁ QUE VALE A PENA DESPROTEGER AINDA MAIS FERNANDO DE NORONHA?

O arquipélago também possui outros títulos, e lá muitos atos de preservação já foram colocados à prova. Foi criado o Centro Nacional de Conservação e Manejo das Tartarugas Marinhas, o conhecido TAMAR. É proibido a circulação de embarcações e a prática do mergulho na baía dos Golfinhos, único local no oceano Atlântico onde ocorre concentração de golfinhos rotadores. Um decreto federal criou o Parque Nacional Marinho e o subordinou à fiscalização

do Ibama no mesmo ano em que o arquipélago foi reintegrado ao estado de Pernambuco. E a Unesco elevou o arquipélago a Patrimônio Mundial, quando reconheceu as excepcionais condições ambientais de Noronha e o colocou entre os MELHORES LUGARES DO PLANETA reconhecidamente especiais. Isso sem falar na justa mas salgada TPA (Taxa de Preservação Ambiental), que o turista tem de pagar quando deixa o arquipélago.

Com o passar do tempo; imagens, ondas, lendas e histórias popularizaram ainda mais Noronha, causando o esgotamento das ilhas na alta temporada. São turistas vindos de todas as partes que buscam a magia do arquipélago como abrigo e, no caso dos surfistas, além do free surf das férias de verão, muitos vêm atrás dos valiosos pontos na corrida pelo título da divisão de acesso ao Circuito Mundial. RESULTADO: AEROPORTO LOCAL OPERANDO NA SUA CAPACIDADE MÁXIMA, TRÁFEGO MARÍTIMO PESADO, HOSPEDAGEM SUPERLOTADA, RECURSOS

NATURAIS SUGADOS, FALTA D'ÁGUA, ESTRADA PERIGOSA, RESTAURANTES COM FILA DE ESPERA, MUITA POEIRA, REGRAS DE COMPORTAMENTO DESRESPEITADAS, NATUREZA AGREDIDA, EXCESSO DE PRANCHAS QUEBRADAS E LIXO NAS PRAIAS... ONDAS CROWDEADAS.

NORONHA SOBREVIVE DE SUA NATUREZA, e o turismo pode ser o principal meio de aquecer a economia local. Só que vive o dilema de seus limites e suas peculiaridades. A preocupação constante com uma possível ocupação desordenada alinha-se com a atenção dos noronhenses em promover o turismo de forma sustentável. Aí, a viagem dos sonhos pode se tornar um viagem dura e sofrível, principalmente para os surfistas caso o famoso fundo “não cavar” e os “tubos não rodar” com a perfeição prometida.

O surf depende de uma combinação de vários fatores, e apesar de esse ano ter sido abençoado com três grandes swells, pode alternar seus dois lados. O lado bom e ruim.

Na parte prazerosa, você pode estar no paraíso e pegar altas ondas, aproveitar noites inesquecíveis e curtir a cultura e o povo local. Mas, no que gera estresse, o mar pode estar fechando, e você pode sofrer com muito calor na cabeça e muito gasto de dinheiro.

Pra quem conhece a variação das marés, que mudam a todo instante como uma gangorra, ótimo, pra quem não conhece... Também podemos dizer que MUITAS CABEÇAS NO MAR FAZEM MAL A SAÚDE DE NORONHA, pois o crowd limita o surf nos picos. Mas não é só pelo surf ou excesso de pessoas no mar que o arquipélago tem enfrentado momentos difíceis. O descuido, outros interesses e a falta de fiscalização, têm colocado o paraíso à prova da invasão humana.

Noronha está distante aproximadamente 345 quilômetros do cabo de São Roque, no estado do Rio Grande do Norte (a menor distância do continente), e 545 quilômetros de Recife, em Pernambuco. É formado por 21 ilhas, ilhotas e rochedos de origem



vulcânica, concentrando sua população de cerca de 2.500 pessoas e o turismo na principal ilha, do mesmo nome, numa área de 18,4 km². Um lugar pequeno se comparado aos 16.649 km² do Hawaii, por exemplo, que disponibiliza a eficiente estrutura americana aos turistas e aos cerca de 1 milhão de habitantes. NORONHA É UM PEDACINHO MÁGICO DE TERRA QUE SE CONHECE EM UMA CAMINHADA.

Um das preocupações ambientais se volta à tartaruga-do-mar, que encontra seu período reprodutivo entre os meses de dezembro e junho, coincidentemente no mesmo período que acontece o Hang Loose Pro Contest – mês de fevereiro –, etapa 5 estrelas do WQS (World Qualifying Series). A praia escolhida, CACIMBA DO

PADRE, UMA IMPORTANTE ÁREA DE DESOVA.

Para diminuir os impactos ambientais que um evento como esse pode gerar, muitas regras. O campeonato só pode ser realizado entre as 6:00 da manhã e às 6:00 da tarde, a estrutura do palanque deve ocupar o menor espaço possível e não pode existir nenhuma iluminação noturna. Além disso, É PROIBIDO O TRÂNSITO DE PESSOAS À NOITE NA PRAIA, QUALQUER TIPO DE FOGUEIRA OU ACAMPAMENTO. Tantos cuidados podem ser fundamentados: as tartarugas desovam sempre no período noturno e são muito sensíveis à presença humana; se importunadas, podem desistir de desovar na praia. Infelizmente, nem sempre as regras são cumpridas à risca pela organização do evento e pelos surfistas e visitantes. E é aí que começam as contradições.

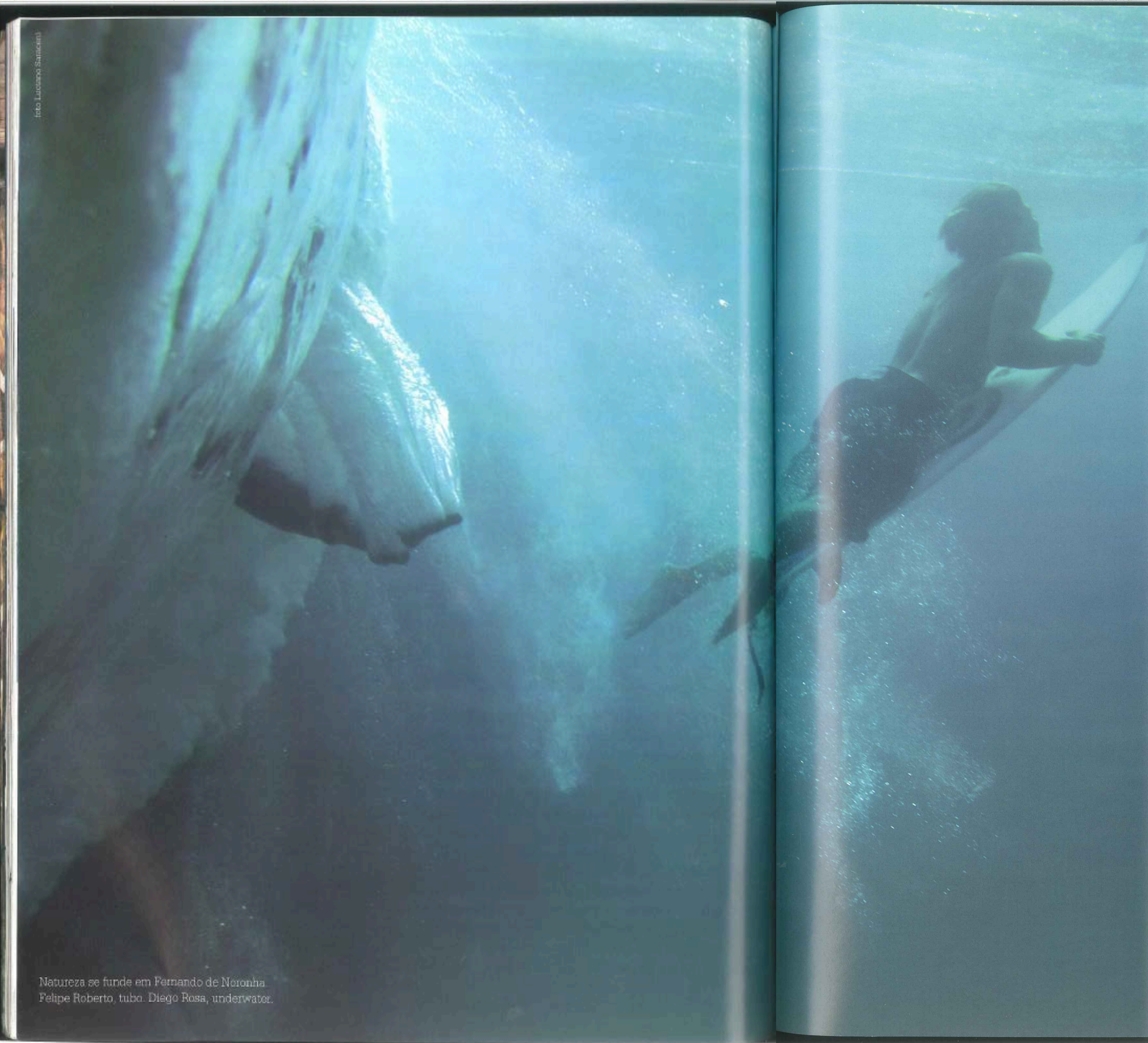


Noronha, paraíso ou provação?

Os próprios moradores têm opiniões parecidas, mas as reclamações recaem sobre os 'forasteiros' que são atraídos pelo campeonato. "A galera não respeita o horário estabelecido pelas leis ambientais e acaba surfando até o anoitecer", diz Patrick Tamberg, surfista local da nova geração que tem conquistado respeito no circuito profissional. Ele diz que as pessoas que vêm de fora ainda não entenderam a real importância do local. "Os competidores deveriam vir pra cá com uma cabeça diferente. Alguns deles não compreendem que aqui é um parque ecológico preservado", afirma Tamberg.

Alice Grossman, coordenadora técnica da base do Projeto Tamar em Fernando de Noronha, avalia a questão de forma sóbria, diz que nos últimos quatro anos o Projeto de Preservação tem apertado o cerco, com muitas restrições

para o campeonato acontecer. "Nós poderíamos dar um parecer negativo contra a realização do campeonato, já que argumentos e fatos não nos faltam". Mas a bióloga também pondera. "Com o envolvimento pesado de todos os interessados, e apoiados no bom relacionamento com a empresa que realiza o evento, temos usado o bom senso e a estratégia de trazer as pessoas para próximo dos bichos, com a ideia de os humanos desenvolverem carinho pelas tartarugas, não descaso. Forçamos o exercício de cidadania e a reeducação ambiental dos turistas." Nesse caso, o Tamar divide a responsabilidade com todos os envolvidos: governo, Ibama, administração local, Hang Loose e Associação de Surf de Noronha. "HAVENDO DESCUIDOS OU NEGLIGÊNCIA, VAMOS BARRAR A COMPETIÇÃO E DIZER: NÃO DÁ MAIS, É UM ESTRESSE MUITO GRANDE, É PREJUDICIAL."



Natureza se funde em Fernando de Noronha.
Felipe Roberto, tubo. Diogo Rosa, underwater.

Quanto às atitudes dos turistas que desembarcam na ilha, Alice Grossman tem uma opinião interessante e diz que observa há tempos o comportamento dos surfistas. "EXISTE UMA CONTRADIÇÃO MUITO GRANDE NA TRIBO DO SURF. O COMPORTAMENTO DO SURFISTA NÃO FOGE DO PADRÃO DO VISITANTE COMUM, QUE, QUANDO PODE, TRANSGRIDE. CITO COMO EXEMPLO O SURF NOTURNO, QUE INTERFERE NO ECOSSISTEMA LOCAL, E PRATICAMENTE NINGUÉM RESPEITA." Ela ainda lamenta que o Tamar não possa acumular mais poderes. "Nesse caso, nós nos sentimos com as mãos atadas, pois o Tamar não tem o poder de fiscalização e sim de orientar as pessoas, sejam elas quem forem." E conclui: "OS SURFISTAS TÊM DE EXECUTAR AÇÕES QUE GEREM RESULTADOS, mesmo que sejam mínimos. Não adianta dizer apenas que é amante da natureza e ligar isso a ser surfista. Dentre muitas pessoas, vi apenas dois ou três surfistas com seus saquinhos de lixo na mão recolhendo as sujeiras deixadas nas praias. Infelizmente a maioria não faz nem isso".

No período de baixa temporada, a circulação em Noronha gira em torno de 3,5 mil pessoas, e na época do verão, a ilha ferve, com o número subindo para 5,5 mil. Só que os limites de Noronha não se reservam apenas a um período ou época do ano. Recursos hídricos podem se tornar um problema se não forem bem utilizados. Com o excesso de visitantes, aumentam os serviços, conseqüentemente sobe o número de pessoas contratadas para mão-de-obra, incentivando-se um processo imigratório que não faz bem para lugar nenhum. EM NORONHA NÃO ADIANTA FORÇAR. A ilha tem de suportar um limite, o lixo produzido por lá tem que ser limitado. O HÁBITAT SELVAGEM DE NORONHA TEM DE MANTER UMA CONDIÇÃO ACEITÁVEL DE QUALIDADE DE VIDA E AMBIENTAL EQUILIBRADA. SENÃO, NADA DISSO FAZ SENTIDO.

Cláudio Belini, coordenador regional do Projeto Tamar em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, se mostra preocupado com a exploração desordenada do turismo, apesar de todos os esforços e controles da administração local. "Em Noronha, o avanço tem de ser mais gradual. O TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO TEM DE SER INSTITUCIONAL, ESTABELECEER LIMITES RESTRITIVOS. Não adianta lotar a ilha com tantas mil pessoas num mês e ficar sem ninguém o restante do ano, com fluxo baixíssimo de visitantes e a economia local parada. ESSA OSCILAÇÃO NÃO É BOA EM NENHUM PANORAMA. Penso que é melhor encontrar uma fórmula mais homogênea, que evite os contrastes e agressões provocados por esses altos e baixos." O oceanógrafo diz ainda que vê Noronha transbordando, e também se mostra preocupado com o fluxo de embarcações de grande porte

Noronha selvagem.
Nego sente na alma a direita do Bode



Agressão. Trânsito de embarcações afeta diretamente o ecossistema do arquipélago



foto Gustavo Binga

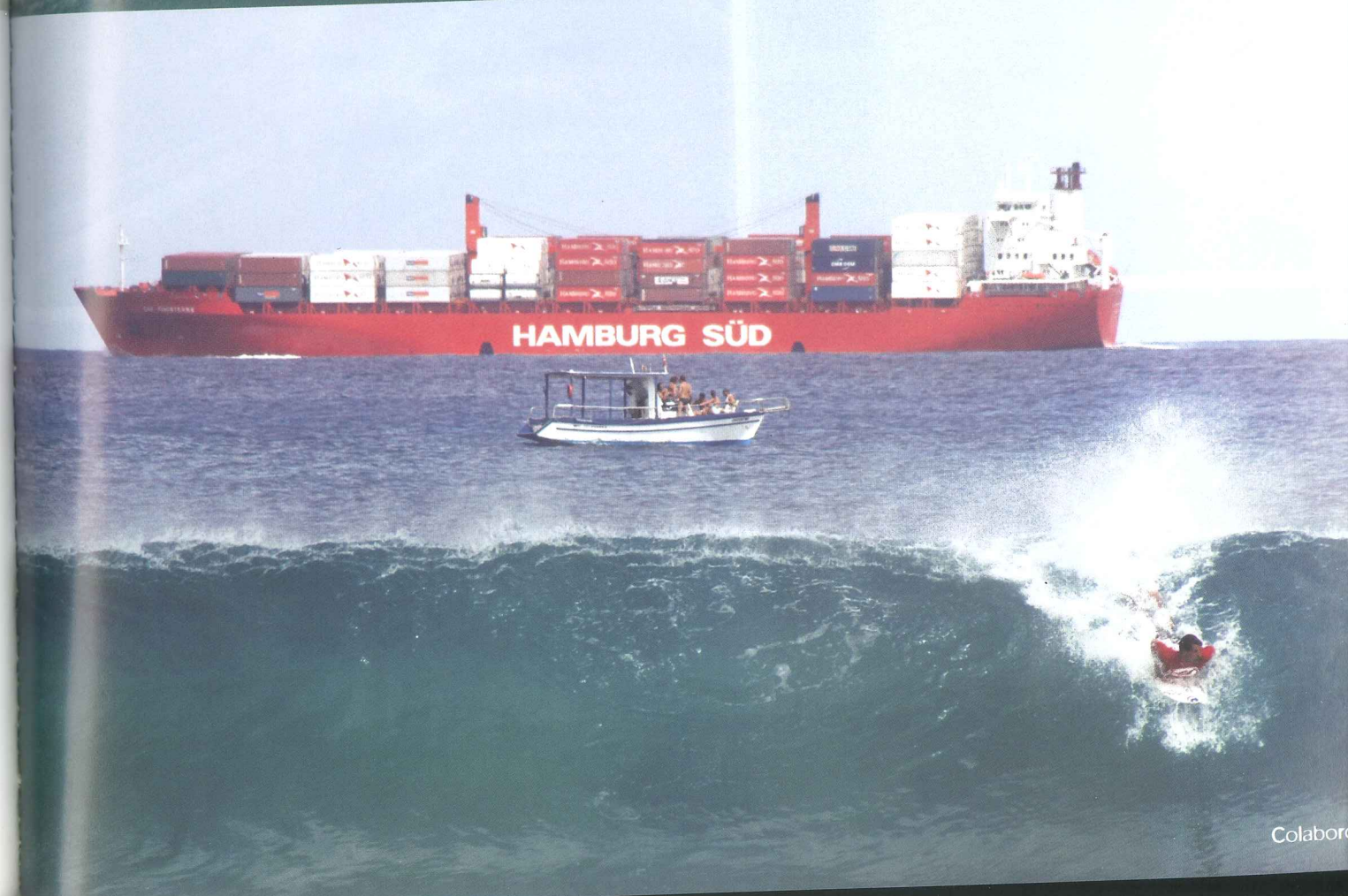
que passam pelo arquipélago e, inevitavelmente, despejam seus detritos e muito óleo no mar. "OS PROBLEMAS CAUSADOS PELOS NAVIOS, PRINCIPALMENTE CARGUEIROS, É UM PERIGO PARA O ECOSSISTEMA DA ILHA, JÁ QUE ELES SÃO ENORMES E CAUSAM UM IMPACTO AMBIENTAL FORTÍSSIMO NA VIDA MARINHA. Devemos ficar atentos a essa questão, pois pode se tornar um problema sem volta e sem freios."

O coordenador do Tamar também se mostra surpreso ao saber, pela redação da ALMA SURF, que o Governo do Estado de Pernambuco gastou neste ano R\$ 160 mil na compra de uma única cota de patrocínio da etapa do WQS, além das insenções de TPA's [fonte: Bianca Galindo, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Esportes e Turismo de Pernambuco], já que o projeto Tamar não recebe verbas vindas diretamente do estado ou da administração local e sempre tem de esperar pela aprovação do Orçamento Federal no Congresso. "Fico surpreso com um investimento desse porte em um campeonato de surf, num período de racionamento dos recursos destinados à preservação do meio ambiente, que na maioria são provenientes do governo federal. Caso não tivéssemos o patrocínio 'privado' da Petrobrás, dos nossos outros colaboradores e da nossa própria unidade de auto-sustentação, passaríamos dificulda-

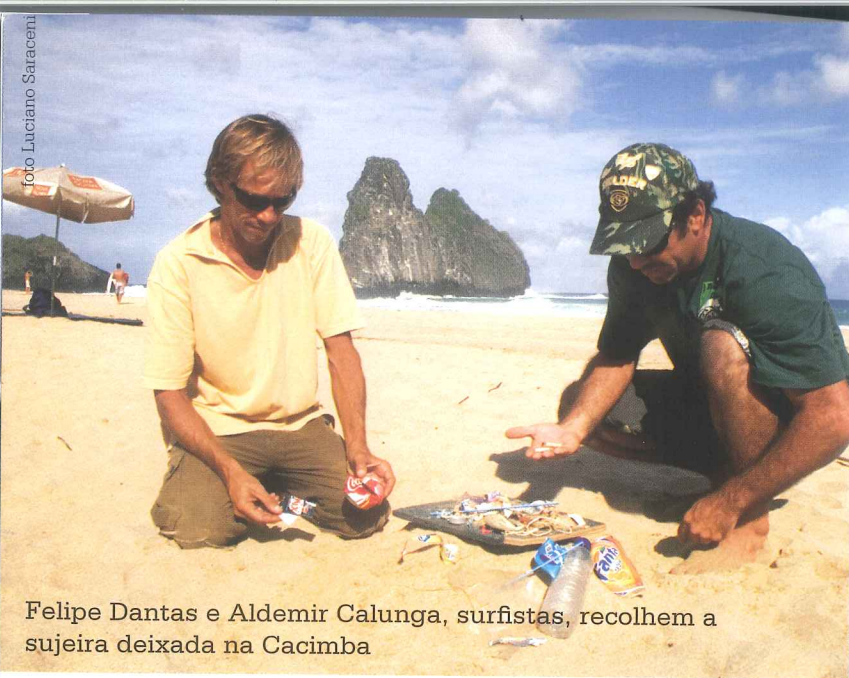
des. **Seria melhor que os recursos fossem divididos em prol da natureza, não só visando o turismo ou a mídia."**

COM TANTAS INFORMAÇÕES, INICIATIVAS, QUESTIONAMENTOS E EXPLICAÇÕES, CRESCEM AS ESPERANÇAS DE QUE SIGAM ADIANTE AS AÇÕES DE ZELO E CONSCIÊNCIA PARA COM NORONHA. E que prevaleça uma política aceitável de preservação e sustentabilidade, sem apadrinhamentos nem benefícios de interesses pessoais ou comerciais, e que não seja vinculada a um crescimento exponencial, respeitando sempre as condições socioambientais locais. A salvação é preservar a continuidade do ciclo da vida, pois, se for quebrado bruscamente, o ecossistema pode se esgotar. E não só no Brasil, mas também em outros paraísos, como o Tahiti, ilhas Fiji, etc., que estão sendo agredidos pelo homem mesmo que de forma inconsciente. **O ARQUIPÉLAGO, O BRASIL E O MUNDO, GANHARÃO MUITO COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLÓGICA, JÁ QUE ÁGUA DOCE, MATA VIRGEM, FAUNA E FLORA EXUBERANTES E OCEANOS LIMPOS SÃO RECURSOS NATURAIS ESCASSOS NÃO SÓ EM FERNANDO DE NORONHA, MAS EM TODO O PLANETA. SÓ NOS RESTA ABRAÇAR O MEIO AMBIENTE E DEIXAR O AVISO:**

SEM NATUREZA, O SURF NÃO EXISTE.

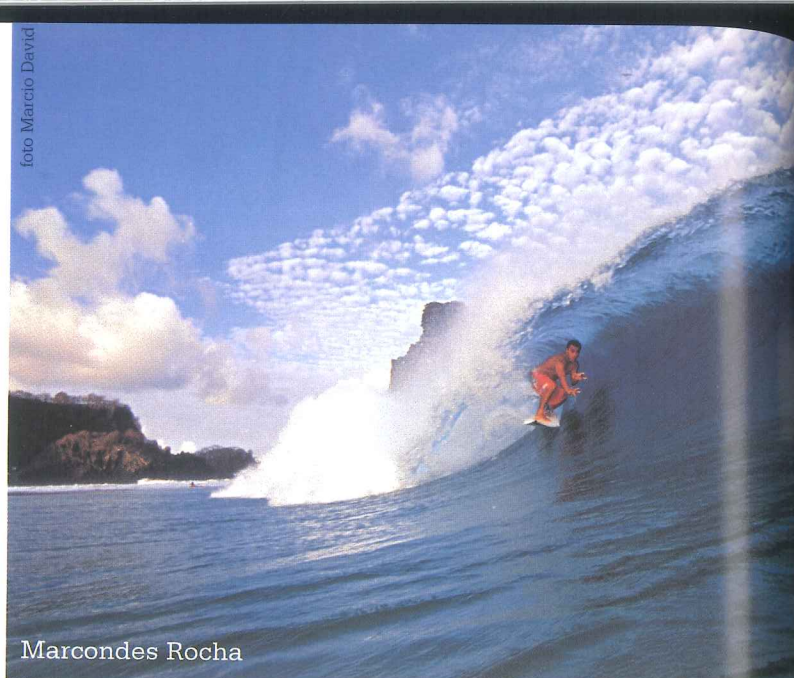


Colaboro



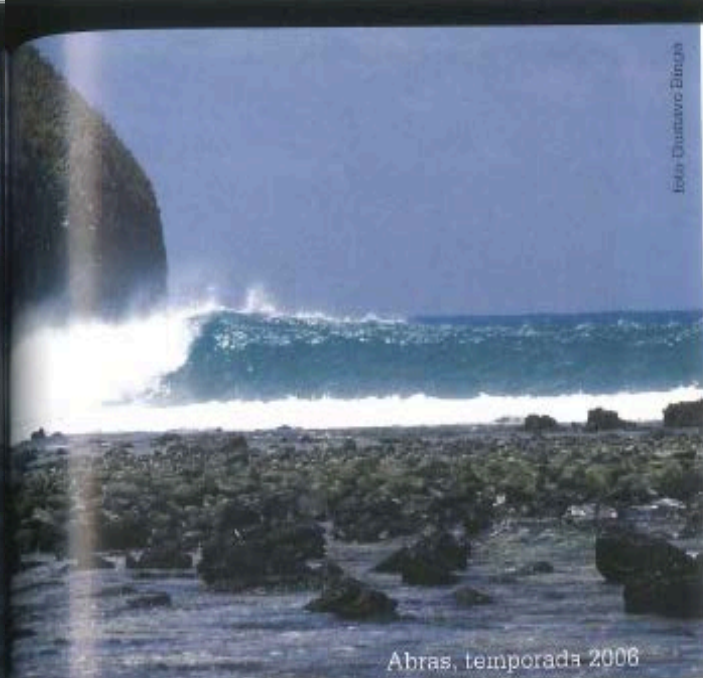
Felipe Dantas e Aldemir Calunga, surfistas, recolhem a sujeira deixada na Cacimba

foto Luciano Saraceni



Marcondes Rocha

foto Marcio David



Abras, temporada 2006

foto Gustavo Binaghi



Edgar Bischof

foto Marcio David

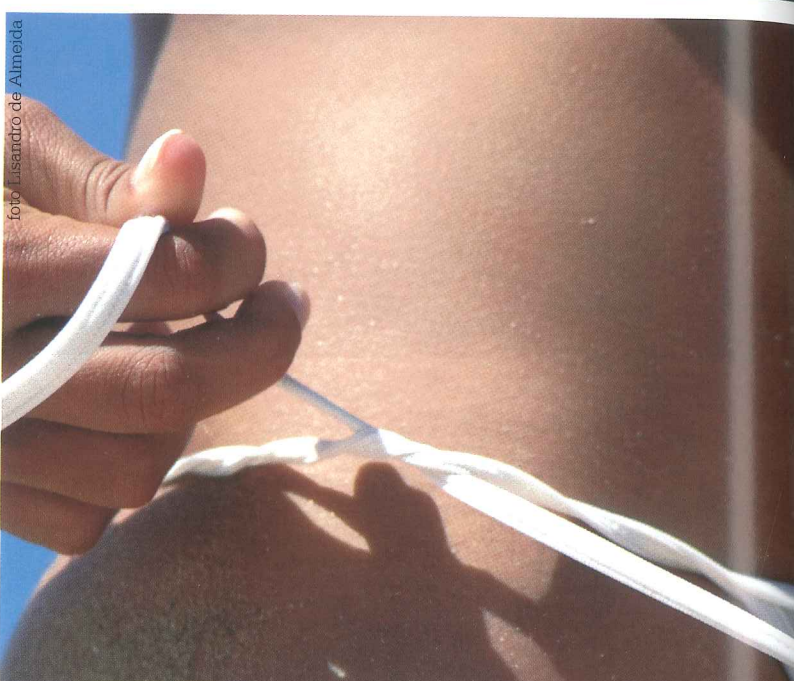


foto Lisandro de Almeida



Aldemir Calunga no trilho do paraíso

foto Gustavo Binaghi



foto Pedro Walmir de Sá



Beleza natural

foto Lisandro de Almeida

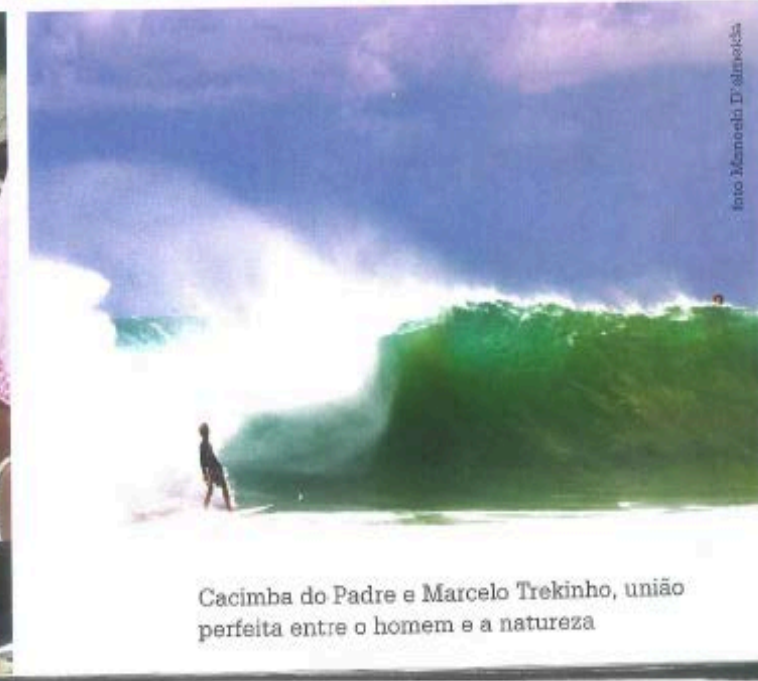


Rapozão encara a força natural da Cacimba

foto Marcelo Maragni



foto Marcelo Maragni



Cacimba do Padre e Marcelo Trekinho, união perfeita entre o homem e a natureza

foto Manoel D'Almeida

TENT BEACH
BOARDSHOP

*Mais que um presente,
uma prova de amor.*

Dia dos namorados

www.tentbeach.com.br



caçador de

campeões pinga

Entrevista: Luis Henrique Sabóia Campos

ADRIANO DE SOUZA, O JÁ FAMOSO MINEIRINHO, é a esperança do Brasil para um sonhado título do Tour Mundial. O brasileiro, patrocinado pela Oakley, conta com uma estrutura profissional vitoriosa, avança baterias e passa por adversários com uma FOME IMENSA DE CONQUISTAS. Por trás dessa busca nacional, o garoto sensação do Guarujá é acompanhado pela experiência de um homem que tem mais de 30 anos de surf, muitos deles dedicados à formação e à imagem dos principais surfistas do país. UM HOMEM QUE ESTÁ TOTALMENTE LIGADO À EVOLUÇÃO DO SURF BRASILEIRO, seja na competição, no free surf ou simplesmente no jeito de viver.

LUIS HENRIQUE SABÓIA CAMPOS, 40, o conhecido Pinga, é o team manager que dá o suporte necessário para atletas como o Adriano de Souza terem toda a tranqüilidade e as condições para crescerem como esportistas e ídolos. Profissional de alto conhecimento no esporte de competição, Pinga tem como princípio de trabalho FORMAR O HOMEM ANTES DO ATLETA, formar o caráter antes do competidor. E é com essa linha de comportamento e atitude que esse surfista de alma segue o seu destino predestinado e amplia sua busca, que é vencer profissionalmente e estar ao lado da família, e dessa forma alcançar seu EQUILÍBRIO PESSOAL.

Nas próximas linhas, você, leitor da ALMA SURF, poderá conhecer um pouco do guru do Mineirinho; quem é Pinga: o caçador de campeões.

Alma Surf: Qual é a sua formação?

Pinga: Estudei Direito no Mackenzie, mas não concluí o curso. Entrei numa empresa (Island Magic), na época líder de mercado que gerenciava a Lightning Bolt e a Quiksilver, e vi que MEU FUTURO ESTAVA NO SURF. Eu não estava a fim de vestir terno e gravata. Já tinha envolvimento com a praia, e em 1989 acreditei que o surf poderia ser a minha profissão. A partir daí comecei a encarar o esporte como meu trabalho.

Alma Surf: Como começou essa sua relação com o surf?

Pinga: Comecei a pegar onda em Niterói, em 1974. Inclusive, meu pai (Manoel Domingos de Sabóia Campos, conhecido como Maneco) ajudou um amigo inglês a abrir uma das primeiras surfshops do Brasil, a Seagull. Numa jogada comercial que ele fez com um barco à vela, investiu o dinheiro na abertura do negócio mesmo não sendo sócio. E eu, como caçula da família, sempre estava na cola das minhas irmãs (Cristina e Maria Luiza) mais velhas e

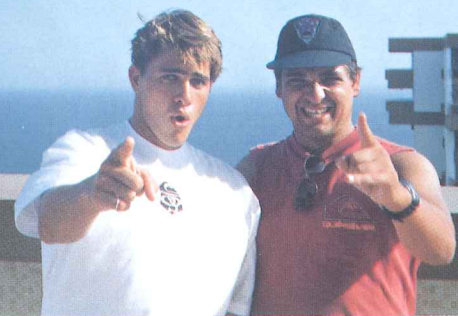
bem relacionadas. Na minha casa não parava de entrar surfista. ROLAVA AQUELE MOVIMENTO DOS ANOS 70, MOVIMENTO STAROUP, POP, ROLLING STONES E SAQUAREMA, e eu acompanhava minhas irmãs em alguns eventos de surf. Tinha o Pepe Lopes, o Baby Surf, o Jorginho, o Marreco e outros. Eu era moleque, tinha uns 10 anos, e via esses caras, interagia, conversava, escutava histórias. Tive a grande sorte de crescer no meio desse movimento.

Com 11 anos, em 1976, vim morar em São Paulo e comecei a ir surfar no Guarujá, num período em que fiquei um pouco afastado do surf, numa fase difícil, decorrente da morte do meu pai. Nesse período, também comecei a praticar outros esportes, como futebol e rúgbi, que é uma paixão. Eu alternava os finais de semana: quando tinha jogo, ficava em Sampa; nos outros, descia a serra para surfar.

Alma Surf: E sua ligação profissional com o surf?

Pinga: Já em 1982 conheci um cara no colégio, o Paulinho, que lançou uma marca de surf chamada Indic Ocean, com escritório em Pinheiros, na Vila Madalena. Ele me convidou para TRABALHAR E FORMAR UMA EQUIPE DE ATLETAS. E foi assim que montei meu primeiro time de surfistas. LEMBRO ATÉ HOJE, ERA JOÃOZINHO MANDACARU E JOÃO TERRÍVEL [risos]. Caras marrentos, que elevam o nome de qualquer marca, surfistas até hoje. Na Indic Ocean as coisas aconteceram naturalmente. CONHECI O GUGA (LUIZ AUGUSTO ULHOA), O ZEZINHO E O FERNANDO (FAMÍLIA REGO), QUE TRABALHAVAM NA QUIKSILVER. Junto com Mauro (Tessandori), outro grande amigo meu, comecei alugando uma casa na praia de Jucueí (em São Sebastião, no litoral norte de São Paulo), isso no ano de 84/85. Um tempo depois, na faculdade, estudei com a namorada do Pisco Del Geisel, que era o dono da Hardcore. Com a aproximação, o Pisco me pediu para escrever alguma coisa para o, na época, tablóide. Comecei a produzir alguns textos, algumas notícias, e por esse meu relacionamento com a Quiksilver fiz duas entrevistas superlegais, com o Dave

Kelly Slater comemora com Pinga seu primeiro título mundial. Hotel Barramares, Arpoador, Rio de Janeiro, 1992



Pinga e Slater entre Zezinho e Fernando Rego (sem camisa). Equipe Quiksilver registra o primeiro feito de Kelly



fotos arquivo pessoal

Macaully e com o Ross Clarke-Jones, que escolheram o Brasil para uma temporada de treinamento. Passei um mês com eles no Guarujá, no ano de 1988, e isso marcou minha trajetória. Para se ter uma idéia, eu estava com o Ross quando ele conheceu a Cássia (brasileira, ex-mulher de Ross Clarke-Jones). Hoje o big-rider é casado com outra brasileira, Márcia Clarke-Jones) no saudoso Sundek Classic (realizado na praia de Itamambuca, em Ubatuba). Eu tinha envolvimento, comprometimento, cumpria horário, responsabilidades, dava suporte. POSSO DIZER QUE FUI UM DOS PRIMEIROS A SE PROFISSIONALIZAR NO SURF.

Alma Surf: Foi aí que sua carreira deslançou?

Pinga: Posso dizer que sim. Paralelamente, eu trabalhava como assessor de imprensa do Centro Cultural São Paulo e cursava a faculdade meio que de saco cheio. Também atuei na Secretaria de Esportes por uns quatro anos. Até que a Quiksilver me contratou, e tive muita sorte de poder trabalhar em um lugar que tinha o aparato necessário para desenvolver o meu trabalho. AS PESSOAS COM QUEM TRABALHEI SÓ ME PASSARAM TESÃO PELO SURF E PELO TRABALHO. A empresa tocava o coração do surf brasileiro. Nós tínhamos relacionamento aberto com os gringos. Tive o privilégio de estar presente em reuniões com o Bruce Reynolds, com o Rod Brooks. Fiquei uns 10 ou 11 anos na Quiksilver, que me formou mais do que a Faculdade de Direito. Valeu muita bagagem e experiência, numa época e numa empresa em que o alto astral imperava. Lembro bem, quando íamos escolher coleção, entrávamos na sala do Fernandão no fim de tarde, acompanhados de dois engradados de cerveja, e trabalhávamos com seriedade numa vibe maravilhosa, analisávamos o contexto do surf mundial, as competições, a moda, as tendências, o comportamento. A perna brasileira também era um job sensacional.

FOI AÍ QUE JOGUEI E PLANTEI A SEMENTE DO MEU PROJETO DE VIDA. Só tenho boas recordações dessa época, e destaco a participação dessas pessoas na minha vida, o Fernando, o Zezinho e o Guga, pessoas altamente gabaritadas,

competentes e humanas, que exalam sinergia em tudo. E inclusive tenho o Fernandão como um mestre, pois ele me ensinou a fazer o negócio.

Alma Surf: E sua relação profissional nesse período mais recente?

Pinga: Em 90 eu virei gerente de marketing, promoção e propaganda. OS TEMPOS MUDARAM, A INDÚSTRIA FICOU MUITO MAIOR DO QUE A POESIA. Nessa época de que falei, tudo era mais romântico, hoje está bem mais comercial. É isso que nós martelamos, temos que voltar e resgatar as origens. Não podemos perder o porquê das empresas estarem interessadas no surf, que é o nosso estilo de vida. VENHO DE UMA GERAÇÃO QUE QUIS CRIAR E MOSTRAR PARA O MUNDO UM JEITO DIFERENTE DE VIVER. É claro que o profissionalismo e a estrutura de hoje são sensacionais, te dão mais condições de crescer como profissional, nesse aspecto também mudou muito, mas... Devemos estar sempre atentos à legitimidade do surf, do esporte e do trabalho. E em 2002 entrei na Oakley.

Alma Surf: Qual é sua função na Oakley?

Pinga: Sou gerente de marketing com uma equipe bem homogênea. Uma pessoa cuida do relacionamento de mídia e outra, de merchandising. Minha função fica com a responsabilidade de cuidar da marca. Faço a parte de marketing esportivo: atleta, evento, produção de imagem, posicionamento em revista, parte comercial, etc. E confio nas pessoas que trabalham comigo, detalhe fundamental para o êxito no trabalho. Uma satisfação pessoal que alcancei aqui na Oakley foi o PRÊMIO DE MELHOR MARCA DE SURF DE 2005, que tenho certeza que foi por reconhecimento do público, crítica e mídia. Pois se não fosse esse conjunto, o troféu ficaria nas mãos da mesma marca que sempre ganha o prêmio. NÃO FOI UMA CONQUISTA POLÍTICA. A vitória da Oakley foi fruto de profissionalismo, conceito e origem; esse é o caminho do sucesso.

estamos contratando representantes

s/ia designers
foto arq: Bennet

11 3688 1488

NEW CULTURES



Flavio Costa Super Surf

long island new generations



LONG ISLAND COM.E

Pinga, ainda criança, sempre em contato com o mar e a família. Aqui com o pai Manoel Campos e a mãe Maria Ottilia. Niterói, 1972



A Oakley Internacional é uma empresa que tem apenas três anos de Brasil, de capital aberto e com alta tecnologia. Hoje estamos fortalecidos em esportes de prancha e em outros esportes, como o vôlei de praia, triatlo, ciclismo... É UMA QUESTÃO DE NÃO MISTURAR CONCEITO COM VENDA E PRODUTO. A Oakley vende seus produtos na praia, no iatismo, na maratona, e vende seu conceito no surf, nos esportes com prancha. É aí que a gente vende a imagem da marca.

Tenho duas reuniões por ano nos USA, onde os nove gerentes de marketing do mundo se reúnem para discutir os panoramas vividos por cada região. É uma semana de convívio, abordando assuntos diversos que transitam do snowboard ao golfe, fruto da forte presença da marca. Tenho uma imensa satisfação de estar Oakley e de poder dizer que sempre adquiri respeito por onde passei e trabalhei, visto que todos os atletas que trabalharam comigo querem trabalhar de novo. Não sou uma unanimidade, mas agrado no meu trabalho. GOSTO DO CORRETO, DO JUSTO, DA HONESTIDADE. BRIGO PELOS MEUS ATLETAS DIA A DIA, MÊS A MÊS, ANO A ANO. Não posso descuidar deles, pois são todos vencedores. Como posso abrir mão de um Robert Scheidt, atleta de ouro; de um Ricardo e Emanuel, medalhistas olímpicos do vôlei de praia; de um Sandro Dias, campeão mundial de skate? Os atletas são a nossa maior vitrine, nosso maior patrimônio. Temos o filé mignon do esporte nas mãos. Fica até difícil calcular o retorno de ter um Lance Armstrong cruzando a linha de chegada do Tour de France com óculos Oakley. HOJE, A OAKLEY CONQUISTOU O 29º LUGAR NO RANKING DA REVISTA FORBES entre as marcas mais luxuosas do mundo. Estamos junto de marcas como Audi, Mercedes, Rolex, Louis Vuitton, BMW, Ferrari, Absolut... ISSO É FRUTO DE TRABALHO SÉRIO E FOCO.

Alma Surf: Qual é a sua visão do surf?

Pinga: O SURF É UMA QUALIDADE DE VIDA, UMA MANEIRA DE VIVER. A GRANDE DIFERENÇA DO

NOSSO ESPORTE É ESSA, OFERECER UM ESTILO DE VIDA ALTERNATIVO. Fugimos da mesmice dos outros esportes. O leigo gosta de fingir que é surfista, quer viver essa atmosfera. Já o esporte competição, além de ser um ambiente profissional, divulga esse estilo de vida com as vitórias. Um campeonato no Hawaii, no Tahiti, em Hossegor (França), em Bells Beach (Austrália), isso é chique, é onde tudo nasceu. E mesmo na competição o estilo e a qualidade de vida não pode morrer nunca. A própria Oakley voltou às origens cortando o fashion, tendência seguida pelas marcas sérias, e investiu em mais tecnologia do esporte.

Alma Surf: Como você vê o posicionamento do mercado?

Pinga: O lojista tem de colocar para vender marcas que realmente tem comprometimento com as raízes no surf, não ficar só preocupado com preço, já que a balança no final fica na mesma. E também existem marcas com preço e comprometimento. FALO DO RESPEITO COM O MERCADO, COM O ESPORTE, COM OS ATLETAS DE PONTA. Senão a história não vai a lugar nenhum. E aí vai uma dica para as marcas, que devem investir em atletas que tenham tesão, e não dar verba para surfistas que satisfazem o mercado ou que estão no WCT. A PIRÂMIDE DO SURF TEM DE VIR DE BAIXO PRA CIMA, DA BASE, E NÃO O CONTRÁRIO. E CABE A NÓS ORGANIZARMOS ESSA PIRÂMIDE.

Alma Surf: Como você desenvolveu essa técnica de vislumbrar campeões?

Pinga: Gosto de garimpar os atletas bem novos, faço uma função de olheiro. Observo como eles pisam e se posicionam na prancha, como eles se posicionam dentro do mar, e a maneira que eles lêem a onda, independentemente se surfam bem ou mal, por causa da idade que diferencia o surf entre gerações. A LEITURA DA ONDA É MUITO IMPORTANTE NA ANÁLISE DE COMO O MOLEQUE PÔE A PRANCHA NO TRILHO.



Sun Guide Inc.
ESTABELECIDOR

www.rednose-shoes.com.br
sac@rednose-shoes.com.br
(011) 5851-6848

SOUL

Renato Vanderley, Picuruta e Pinga descontraídos no Rio de Janeiro



Renan Rocha e o amigo Tcho prestigiam a inauguração da Surf Zone



Se você encontra um garoto de 9 anos de idade surfando no trilho, opa! É um bom sinal, você pode estar vendo um talento. Outra coisa importante é o comportamento do surfista no free surf, já que é onde o sujeito desempenha na escolha das ondas e na performance. Até é uma coisa óbvia: se o cara é limitado no freesurf, não vai se dar bem na bateria.

Aí tem o complemento, o outro lado, o lado fora d'água, que é a família. **UMA DAS COISAS MAIS IMPORTANTES NA FORMAÇÃO DO HOMEM É A BASE FAMILIAR.** É muito importante saber como a família encara o surf profissional, e se a participação é negativa ou positiva. Nisso venho trilhando um bom caminho, junto do dr. Marcelo Baboghluian – médico especialista em medicina esportiva –, do Projeto Mar Azul, para agregar valor e saúde. Essa questão da família constrói e destrói caráter. O pai tem de ser pai, e a mãe tem de ser mãe; tem coisas que eu não posso falar para o moleque. **O PAI TEM QUE MANTER UMA POSTURA DE MESTRE E NÃO DE EMPRESÁRIO OU MANAGER DO FILHO.** Não é benéfico pra ninguém essa mistura, principalmente quando o garoto começa a ganhar dinheiro, prêmios e fama. É muito importante a participação da família na criação de um campeão. E fico muito feliz por ver a ascensão da família como um todo, com as referências da própria família.

Alma Surf: Você viu no Mineirinho um campeão?

Pinga: Com certeza. **BATI O OLHO NAQUELE MOLEQUE LIGEIRO E PENSEI: TÁ AÍ UM CAMPEÃO.** Observei ele surfando com atitude, com coragem, com boa colocação, com vontade. Realmente pensei naquele exato momento: com um bom trabalho, com uma boa formação, esse menino será um grande vencedor.

Alma Surf: Big Surf. Você já pensou em agenciar algum big-rider brasileiro praticante de tow-in?

Pinga: Acho animal, mas ainda não simpatizei muito com o esporte. Vejo o tow-in como uma modalidade do surf e

penso que não podemos jamais misturá-lo com o surf de remada. **O LADO INTELLECTUAL DO TOW-IN É ÓTIMO, MAS A FALTA DE RESPEITO TEM DE SER AVALIADA COM PUNIÇÃO PARA OS INFRATORES.** Sei que o Brasil tem um time de primeira linha, mas tem muita gente ultrapassando os limites de educação, e não só o da natureza. Isso me preocupa. Gosto muito de ver o tow-in, acho os surfistas brasileiros cascas-grossas, como o Danilo Couto, o Everaldo Pato, mas penso que o esporte tem de ser mais organizado, pôr em prática fiscalização, punição, envolver a sociedade.

NÃO SUPORTO VER CARAS MAL-EDUCADOS SURFANDO ONDAS DE 1 A 1,5 METRO COM O AUXÍLIO DO JET-SKI, COLOCANDO EM RISCO A VIDA DE OUTROS SURFISTAS QUE ESTÃO PEGANDO ONDA NA REMADA. E vejo esse absurdo no Guarujá, em ondas de meio metro. O perfil do atleta que pratica o tow é diferente do surfista que está na remada.

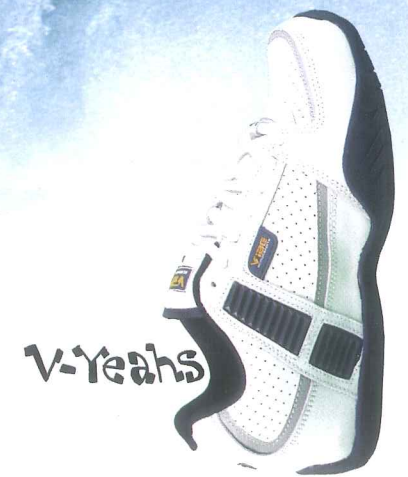
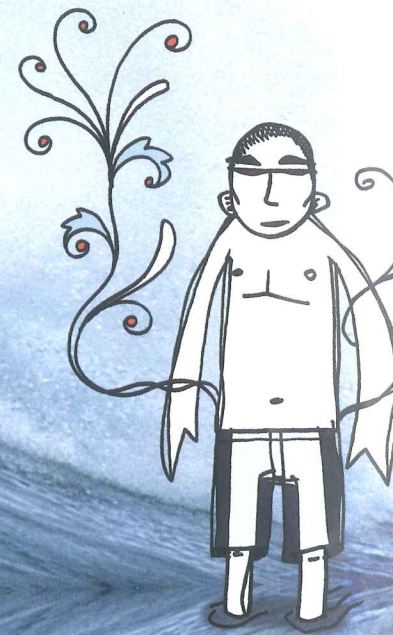
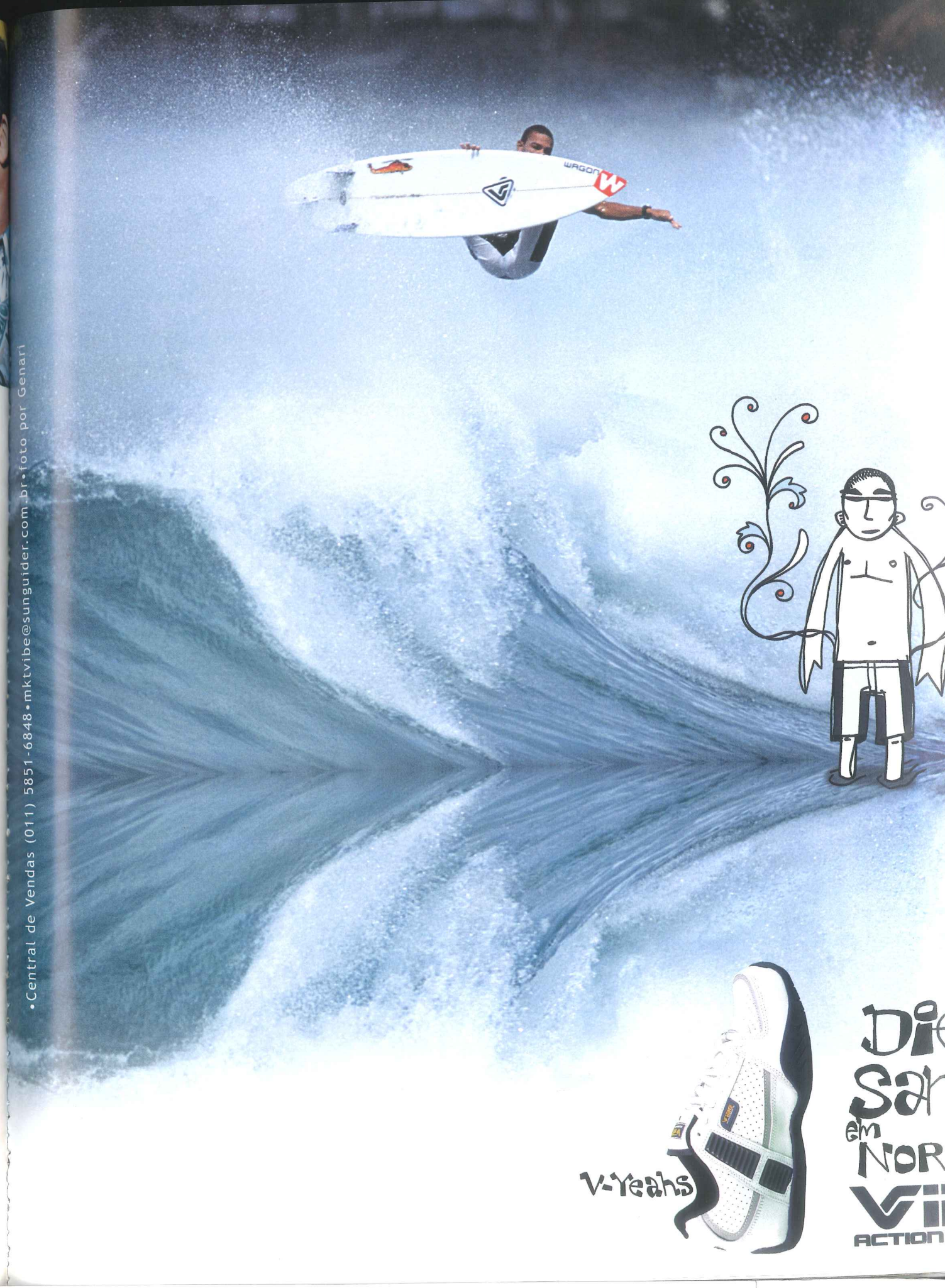
Alma Surf: Como headhunter, você já pensou em agenciar outros talentos do segmento, como um artista ou diretor de cinema, criadores?

Pinga: Não, mas tenho pensado muito em abrir uma produtora de vídeo. **FICA DIFÍCIL PARTIR PARA OUTRO CAMINHO FORA DO MAR,** pois gosto de estar muito próximo do meu trabalho, e saindo da água salgada fica impossível dividir meu tempo e perder meu foco profissional. Mas também já trabalhei diretamente com marketing esportivo por uns seis meses, quando eu mesmo montei uma estrutura.

Alma Surf: Como você vê a mídia do surf, em especial as impressas? E o que tem de melhor e de pior?

Pinga: Gosto de todas as revistas nacionais, dentro das limitações e destaques de cada uma delas. Vejo as revistas americanas sem conteúdo se comparadas ao grande número de informações que giram pelos EUA. **PENSO QUE AS MATÉRIAS POR LÁ TINHAM QUE MOSTRAR MAIS A CULTURA DO SURF. E PRINCIPALMENTE, O**

Central de Vendas (011) 5851-6848 • mktvibe@sunguider.com.br • foto por Genari



Die
San
em
NOR
VI
ACTION

Pinga em momento distinto, orientando mineirinho no início de carreira.



fotos arquivo pessoal

QUE POUCAS REVISTAS NO MUNDO FAZEM, PASSAR UMA VISÃO DO PANORAMA SOCIOPOLÍTICO DOS LOCAIS MOSTRADOS, ATÉ PARA O SURFISTA TER UMA NOÇÃO MAIOR DE COMO ESTÁ O MUNDO ALÉM DA PRAIA. A pergunta do melhor e do pior pode gerar muita polêmica, mas penso que a ALMA SURF tem um diferencial.

Alma Surf: O Adriano de Souza já pode ser campeão mundial?

Pinga: NÃO, AINDA NÃO É O ANO DO MINEIRINHO. O GAROTO TEM PERSONALIDADE, TEM VONTADE, GOSTA DE COMPETIR EM PALCOS DO SURF E CONTRA NOMES FORTES, TEM ATITUDE DENTRO DA ÁGUA. O Adriano têm objetivos, tem foco, busca sempre a vitória. Acredito que um dia ele pode chegar lá, mas por enquanto ainda é cedo.

Alma Surf: Muitos atletas que já trabalharam com você dizem publicamente que esse contato os ajudou a crescer profissionalmente. Para citar um exemplo, o Danilo Costa declarou, em uma entrevista, que "a assessoria fora d'água que o Pinga produz me fornece muita paz". Como você recebe essa consideração?

Pinga: COMEÇO A TRABALHAR COM OS ATLETAS MUITO CEDO; PENSO EM FORMAR PRIMEIRO O HOMEM E DEPOIS O ATLETA, PRINCIPALMENTE NO CASO DOS SURFISTAS. Sempre dou atenção aos estudos, à postura e à educação, às maneiras, ao comportamento. Muitas vezes sou até um pouco pai dos atletas. E também sou duro quando há necessidade, já que não gosto de misturar: pra mim, trabalho é trabalho. QUANDO A ADMIRAÇÃO É MUTUA NA RELAÇÃO, A AMIZADE FLUI E CRESCE COM NATURALIDADE. O Danilo Costa é um sonho de consumo

de qualquer empresa. Além de ser ótimo surfista, domina os idiomas inglês e francês, tem boa família, é educado, casou-se com 28 anos com uma mulher estudada. É um cara que tem visão e é bem relacionado. Uma espécie de surfista laboratório para a marca. Inclusive participa do meu trabalho, se envolve com a coisa.

Também destaco outros surfistas com quem trabalhei e que são exemplos: Teco Padaratz e Renan Rocha, vitrines para o surf. Nesse trabalho até meio que paternal, a Oakley, por exemplo, oferece a muitos atletas uma casa no Guarujá sem pedir nada em troca. Queremos formar campeões naturalmente, sem pressão,

sem cobranças... Dou condições e suporte para os surfistas crescerem; depois, no ápice, sinto um imenso prazer de eles terem chegado lá, de terem vencido. A VITÓRIA É SEMPRE EM CONJUNTO, NUNCA INDIVIDUAL.

Alma Surf: O que você planeja para o futuro?

Pinga: MINHA IDÉIA É SEMPRE BUSCAR DAR O MELHOR DE MIM TANTO NO TRABALHO COMO EM CASA. Para o futuro, penso em continuar desenvolvendo meu trabalho na Oakley, dar continuidade à surf shop (Surf Zone) que eu e minha mulher temos e, quem sabe, abrir mais um negócio dentro do mercado, uma produtora, como já falei anteriormente, uma agência ou outra coisa que eu tenha tesão de fazer.

Alma Surf: Para finalizar, como você busca equilíbrio pessoal?

Pinga: ESTE ANO FAÇO 10 ANOS DE CASADO. MINHA MULHER, CLÁUDIA, É REALMENTE MEU PONTO DE EQUILÍBRIO, POIS ME PASSA SEGURANÇA PARA QUE EU CORRA ATRÁS DE MEUS OBJETIVOS. É UMA PESSOA ATIVA E DINÂMICA. FAZEMOS TUDO JUNTOS COM NOSSOS DOIS FILHOS, PEDRO HENRIQUE DE 5, E ANA LUIZE DE 2 ANOS, QUE SÃO SHOW. ELES CURTEM MUITO O QUE EU FAÇO E NOSSO ESTILO DE VIDA. MINHA FAMÍLIA ME TRANSMITE MUITA ENERGIA POSITIVA PARA IR À LUTA. BUSCO MEU EQUILÍBRIO JUNTO DELES, PROCURANDO ESTAR PRÓXIMO O MÁXIMO DE TEMPO POSSÍVEL COM A MINHA FAMÍLIA. NA VERDADE, acho que a família é a base, é o equilíbrio.

WWW.SNOWCAT.COM.BR
[11] 6606 2968



foto Breno Lucio

LOUCOS de PEDRA BODYBOARD no Espírito Santo

Por Adriano Vasconcellos

fotos Breno Lucio e Yuri Sardenberg

Mutante point, em algum lugar do Espírito Santo



Magno Oliveira, El Rasgador

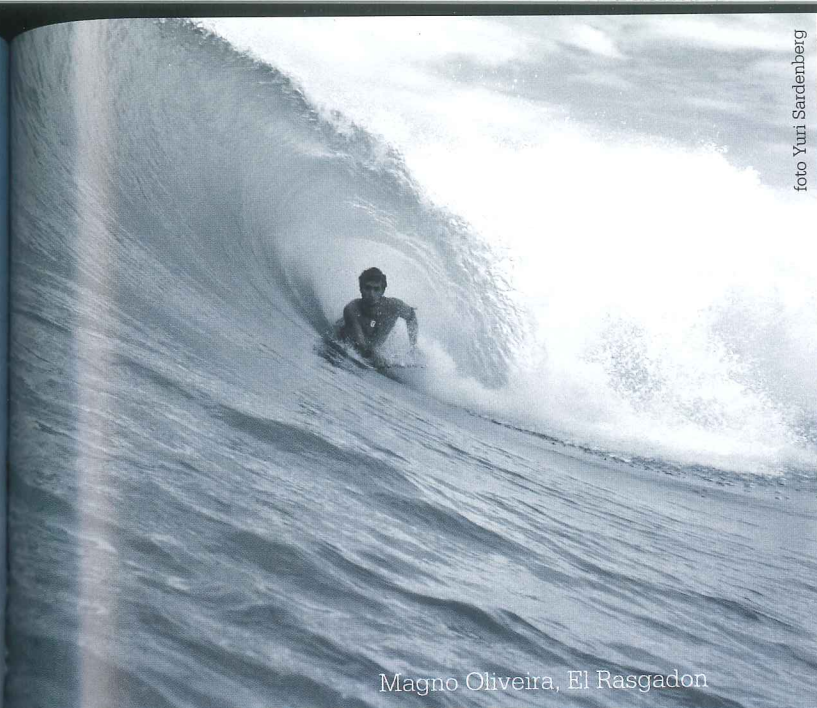


foto Yuri Sardenberg

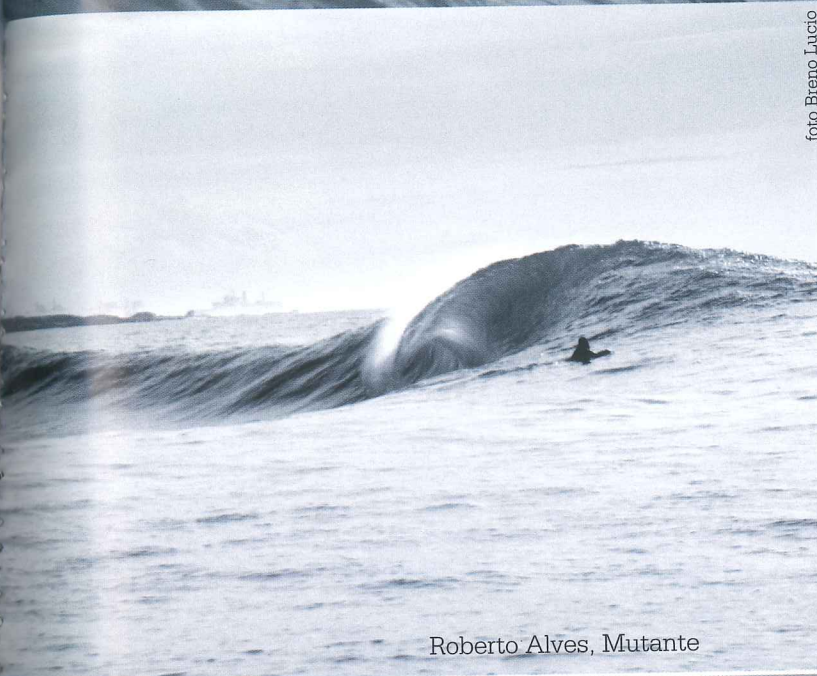


foto Breno Lucio

Roberto Alves, Mutante



foto Breno Lucio

Vulgo Goelão, D2

Quando se fala de surf no Espírito Santo, logo vêm à cabeça nomes de praias como Regência, Setiba Pina, Barra do Jucu e alguns outros picos de Vila Velha, na maioria beach breaks de ondas boas e consistentes que satisfazem a galera. Mas o que apenas alguns poucos locais, principalmente bodyboarders, sabem e conhecem é que existem várias lajes e bancadas espalhadas pela costa capixaba, algumas delas ainda secrets intactos, que vão além de uma simples queda no mar.

São ondas rápidas e tubulares, na maioria de cor azul-esverdeada, que quebram muitas vezes solitárias em rastos fundos de pedra e coral que deixam marcas na mente e, literalmente, no corpo de quem se arrisca a fazer a cabeça nas ondas 'taitianas' do Espírito Santo.

Sua costa litorânea tem mais de 300 quilômetros de lindos visuais e praias para todos os gostos, que brotam nas quebradas da estrada ES-060, a famosa Rodovia do Sol, e da BR-101. Porém, poucos acreditam no potencial desse estado, localizado no norte da Região Sudeste do Brasil.

Na maioria dos points, os surfistas locais são amistosos e fornecem dicas preciosas para quem almeja dropar condições muitas vezes sinistras para 'surfistas normais'. Mas, antes de rumar para qualquer surf trip, é sempre bom fazer um profundo estudo sobre as previsões e boletins das condições de surf, pois essas sonhadas ondas do 'litoral abençoado' só funcionam com uma combinação perfeita de swell.

Ondas rápidas e desafiadoras, reportadas e surfadas pelos body 'loucos de pedra' boarders, que colocam a própria carcaça a prêmio em busca dessas lajes insanas que floresce em meio dos segredos do litoral capixaba.



foto Yuri Sardenberg

Jackson Siqueira, desliza pela rasa underground

Foto Yuri Sarchanberg



Louco de surf, Dell Gama no Underground

Felipe Araújo, arrebetado nas pedras do Espírito Santo

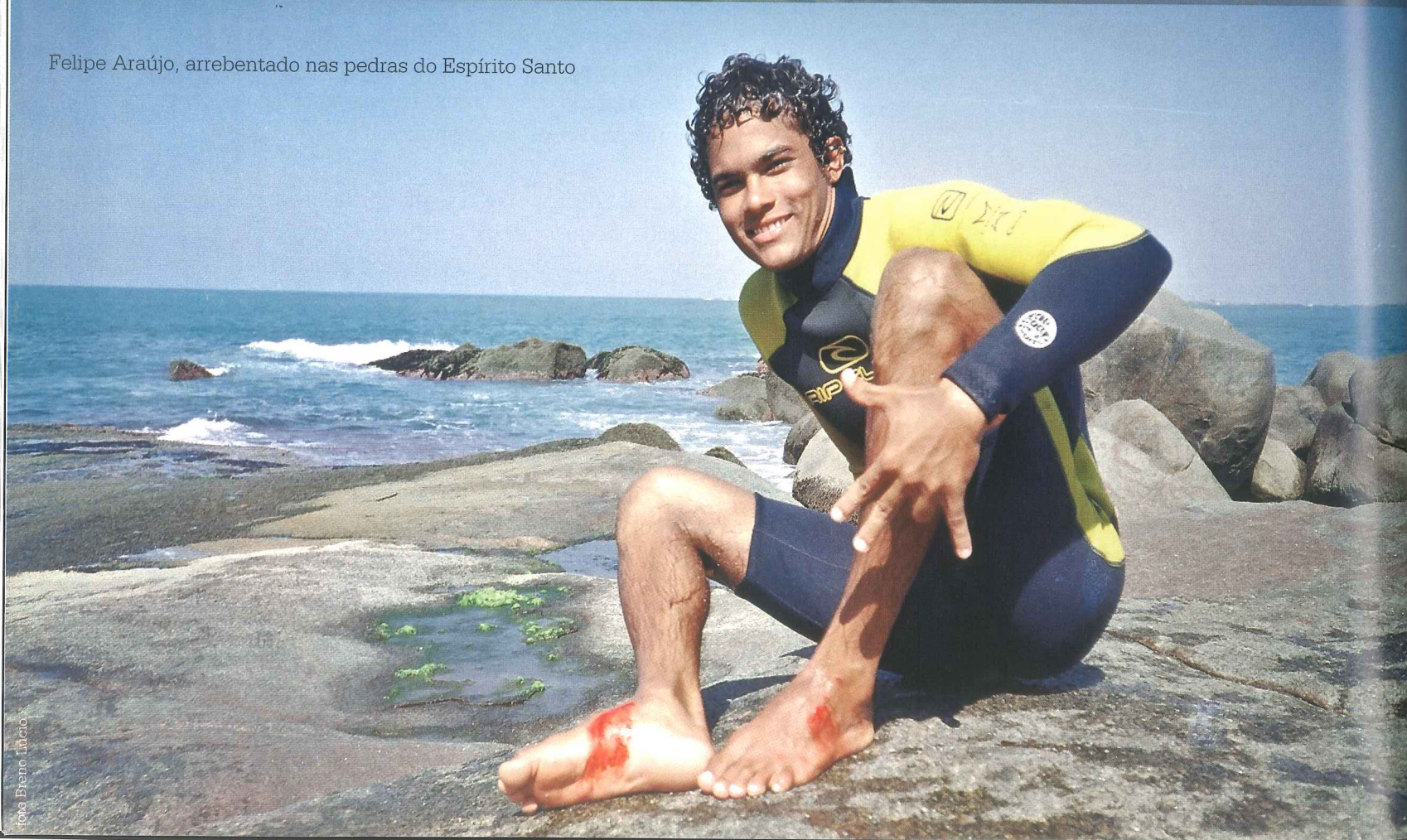
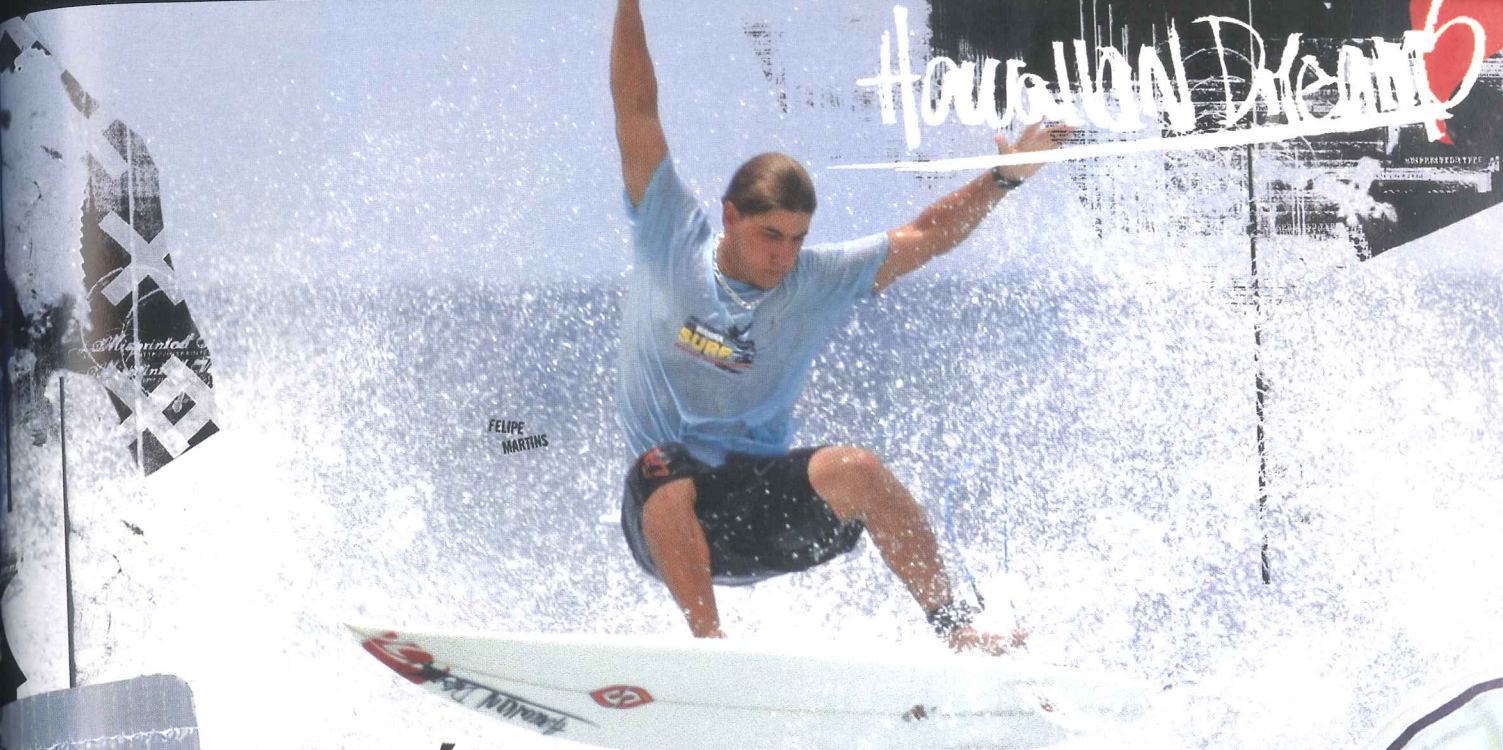


Foto Ffreno Lúcio

Hawaiian Dreams



FELIPE MARTINS

HD NA ÁGUA HD NA TERRA



JAQUETA AVALANCHE

veja os seus diferenciais:

- FULL THERMAL REFLEX (novo):** tecido poliéster alumínio em todo o tórax para a reflexão do calor emitido pelo corpo.
- NEO-NECK (novo):** aba interna de neoprene para maior conforto e bloquear a entrada/saída de ar na gola.
- DISCKMAN/MP3 POCKET:** bolso interno com saída para phones, costura especial e zíper de segurança.
- WINDBLOCK:** bloqueador de ar na cintura.
- e-STITCH:** costura interna eletrônica (evita problema com anéis, relógio e pulseira).
- WATER PROOF:** a prova de chuva moderada.
- GRIP FINGER:** puxadores anatômicos com mais pegada.
- X-ARM SPACE:** espaço extra na axila.

MOLETON WATER PROOF

Associa a praticidade do moleton com a função Water-Repellent (repelência é limitada a chuvas leves).



HAWAIIAN DREAMS
www.hawaiandreams.com.br
fone: (11) 3357-3900



D2, disposição dobrada, 40 minutos de remada da orla de Vila Velha

foto Breno Lúcio

El rasgadon, bancada afiada em Guarapari

Lucas Nogueira, D2

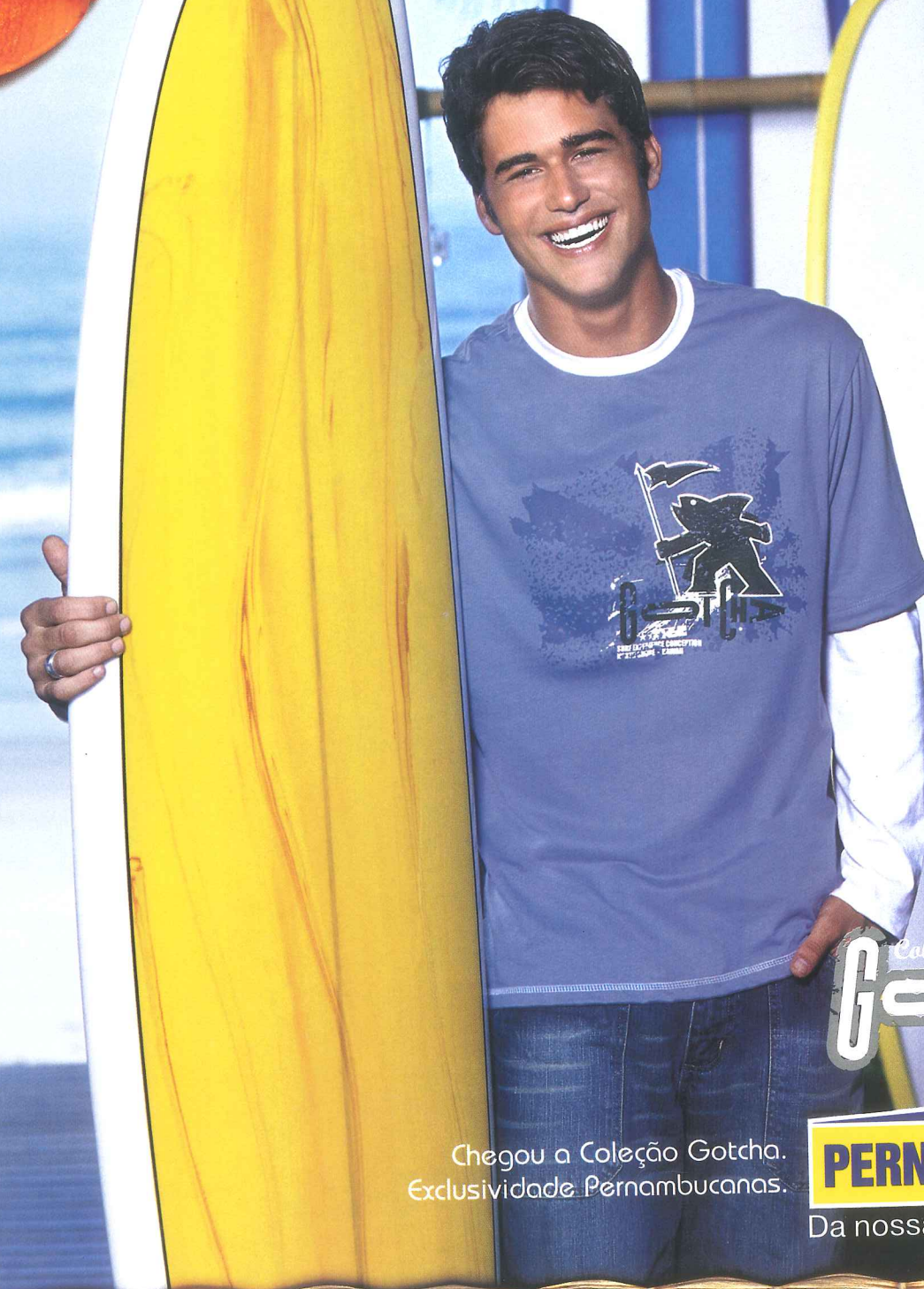
colaborou Leonardo Andara

foto Breno Lúcio

Confira as lojas que possuem a Coleção Gotcha na Central do Cliente Pernambucanas: São Paulo e Grande São Paulo (11) 2122-9200 e demais localidades: 0800 702 2033.



Coleção Gotcha.
Das praias do mundo todo
para a Pernambucanas.



Coleção
GETCHA

Chegou a Coleção Gotcha.
Exclusividade Pernambucanas.

PERNAMBUCANAS

Da nossa casa pra sua casa




A maquininha
de Macaronis já
está funcionando.
Mas só a Nivana
tem as fichas do
Macaronis Surf Resort.



Maldivas, Mentawai boat trips, Nicarágua, Costa Rica e México. Consulte outros destinos. (11) 3256-1590 www.nivana.com.br



A person is sitting on a dark, jagged rock formation overlooking the ocean. The sky is a deep blue with wispy white clouds. The person is wearing a dark jacket and light-colored pants, and is looking out towards the sea. The overall mood is serene and contemplative.

Poder das Ondas

Por Rosaldo Cavalcanti

Desde o século XII os seres humanos vêm usando a força das águas em movimento para produzir energia. Nos últimos anos as usinas de energia hidrelétrica vêm se espalhando pelo mundo. Na boca do rio Rance, na região da Bretanha, na França, já existe uma usina que produz energia para suas turbinas a partir da variação das marés. As ondas do mar contêm uma quantidade absurda de energia que, com exceção dos surfistas, não é aproveitada pela maioria dos seres humanos. Quando estão se movimentando pelos oceanos da Terra, as ondulações carregam uma energia limpa e renovável, que em algum momento do futuro será mais bem aproveitada pela humanidade. Quando arrebentam em algum pico do planeta, as ondas liberam parte dessa energia, que eventualmente pode destruir casas e estradas, causar mortes e redesenhar o mapa do planeta. De certa forma foi o que fez o tsunami de 2004.

CORRENTES MARÍTIMAS

Fluxos organizados de água que circulam em diferentes regiões do planeta durante um determinado período de tempo. As correntes podem transportar plâncton, peixes, barcos e agentes químicos como o sal, o oxigênio e o dióxido de carbono. Elas desempenham um papel fundamental nos ciclos biológicos da Terra. Seu estudo e observação são fundamentais para qualquer tipo de operação no mar. O surf não é exceção. O movimento de rotação da Terra (efeito Coriolis), os ventos, as marés e as diferenças de densidade entre as partículas de água que compõem os oceanos é que vão determinar a direção das correntes.



As ondas são as mais visíveis manifestações do dinamismo, do caos e do poder dos oceanos. Os poucos projetos científicos que estudam a utilização da energia das ondas se encontram em estágios iniciais e ainda estão longe de serem considerados uma alternativa comercial. Como muita gente já sabe, as ondas são fruto da ação dos ventos sobre a superfície dos oceanos. **A força, a intensidade e a duração do vento é que vai determinar o tamanho e a direção das ondulações.** Como não quebram em alto-mar, as ondulações podem viajar milhares de quilômetros pelos oceanos. Muita gente acredita que a energia contida nas ondas transporta as partículas de água que as compõe. Ledo engano. As partículas de água que formam as ondulações traçam círculos verticais e acabam retornando à sua posição original depois de completar um circuito. Portanto, apenas a energia contida nas ondulações é transportada pelo oceano. O tamanho da ondulação é determinada pela distância entre a sua crista e a base. Porém, o que realmente vai determinar o tamanho de uma ondulação é a velocidade do vento que a originou, o tempo que ele soprou numa mesma direção e a extensão da área sobre a qual ele atuou. Ventos assim, fortes e constantes, são capazes de gerar ondas gigantes. **O tamanho médio de uma ondulação em alto mar é de cerca de 12 pés. Mas não é incomum serem registradas ondas com mais de 50 pés de altura. Principalmente no Atlântico norte e na costa da Antártica. A velocidade média de uma ondulação em alto mar pode ultrapassar os 50 quilômetros por hora, mas a medida em que se aproximam de lugares onde a profundidade é menor, as ondulações perdem velocidade e ganham tamanho enquanto sua crista tende a se projetar em direção à base. Para que uma ondulação quebre é necessário que ela chegue há um lugar onde a profundidade seja pequena.**

Pode ser um fundo de pedras ou de areia. Não importa. É a relação entre o tamanho da onda e a profundidade do mar que vai determinar se uma ondulação vai ou não quebrar.

De uma maneira ou de outra, todas as ondulações vão acabar quebrando em forma de ondas em algum ponto do planeta. Seja sobre uma laje em alto mar, em alguma praia dos continentes, ou mesmo numa das milhares de ilhas que estão espalhadas pelos mares e oceanos da Terra. As marés desempenham um papel muitas vezes crucial na formação, no tamanho e na qualidade das ondas que surfamos. Além de também serem fontes de uma energia limpa, renovável e aparentemente inesgotável. Assim como as ondas, as marés estão intermitentemente shapeando os litorais da Terra. O fenômeno ocorre duas vezes por dia, em intervalos de 6 horas, causando uma variação no nível dos oceanos em relação ao litoral. A causa foi explicada por Isaac Newton no final do século XVII.

O físico inglês foi o primeiro cientista a explicar que é o campo gravitacional que existe entre a Terra, a Lua e o Sol que provoca as marés. Muita gente não sabe, mas a atração gravitacional do Sol também interfere nas marés. Porém, mesmo sendo bem menor que o Sol, a Lua tem uma influência muito maior sobre as variações das marés, simplesmente porque está mais perto da Terra. Esta atração tem um efeito muito reduzido nas superfícies sólidas da Terra, mas as formas líquidas dos mares e oceanos são fortemente influenciadas por este campo magnético. O lado da Terra que estiver mais perto da Lua terá sempre o nível dos seus mares e oceanos mais alterado pela atração gravitacional da Lua. Simultaneamente, no outro lado da Terra também vai estar ocorrendo uma alteração similar nos níveis das águas. Como a atração gravitacional da Lua sobre o lado da Terra que se encontra mais afastado dela é menor, as águas dos oceanos vão se distanciar um pouco do centro da Terra para manter o equilíbrio natural do planeta. **Enquanto** a Terra está o tempo todo se movimentando em volta do Sol e de si mesma, a posição da Lua em relação à Terra varia muito pouco. Estes fatos explicam o fenômeno das marés e porque a cada 24 horas observamos alternadamente duas marés altas e outras duas baixas. As diferenças entre as marés dependem da fase da Lua. Quando a Lua está cheia ou nova, significa que junto do Sol

MARÉS

As marés são alterações nos níveis dos oceanos causadas pela ação do campo gravitacional que existe entre a Terra, a Lua e o Sol. As marés obedecem a ciclos de aproximadamente 6 horas de duração, que se sucedem infinitamente. As diferentes marés são determinadas pelo movimento de rotação da Terra sobre seu eixo, pela movimentação da Lua em sua órbita em volta da Terra e pela influência do campo gravitacional do Sol sobre a superfície da Terra.





Austrália, Sean Davey



Foto David Pu'u

David Pu'u, Hawaii



Ilhas Canárias, Agobar Jr



Sean Davey, Austrália

estão alinhadas. E é justamente a combinação da força gravitacional do Sol com a da Lua que causa uma variação maior entre as marés. Quando a Lua está minguante ou crescente, o Sol e a Lua não estão alinhados em relação à Terra. Neste caso, a força gravitacional de um se contrapõe a do outro fazendo com que as marés variem menos. **Em picos como Mundaka**, e em muitos outros na Indonésia, as variações das marés têm um papel fundamental na formação das ondas. A pororoca é outro fenômeno que tem sua origem ligada à variação das marés. Ela é observada nos estuários de vários rios do mundo, em latitudes onde as marés sofrem uma grande variação.

As correntes marinhas também são fontes de energia muito pouco utilizadas pelo homem

moderno. Mais difíceis de serem observadas, são capazes de guiar os navegadores em volta do mundo e de influenciar o tipo de clima do litoral por onde elas passam. **A corrente fria de Humboldt é um bom exemplo disso. Por causa da sua existência o clima no litoral do Chile e do Peru é desértico e as ondas tendem a ser esquerdas longas e geladas.** Por volta do ano 800 antes de Cristo, os povos fenícios e os gregos já sabiam da existência de algumas correntes marinhas em volta do mar Mediterrâneo. Porém, foi somente nos últimos 100 anos que os oceanógrafos foram capazes de mapear e estudar as correntes marinhas mais importantes. **Assim como as ondas, as correntes costumam serem impulsionadas pelos ventos mais constantes.** No entanto, algumas correntes podem ser influenciadas pela densidade da água

ou por diferenças na temperatura e/ou salinidade da água. Ou até mesmo por pequenas alterações na superfície do mar. A trajetória das correntes é em parte determinada pela rotação da Terra (efeito Coriolis), que faz com que elas se movimentem em sentidos diferentes nos dois hemisférios. No hemisfério norte elas têm um sentido horário, passando a se movimentar no sentido contrário no hemisfério sul. As primeiras tentativas feitas pelos cientistas para determinar as direções das **correntes marinhas se basearam na trajetória de garrafas que foram jogadas ao mar de um determinado ponto do litoral do planeta.** Dependendo de onde elas fossem encontradas seria possível determinar a

direção das correntes. As garrafas carregavam mensagens pedindo àqueles que as encontrassem que as devolvessem ao endereço de origem, indicando onde e quando foram encontradas. **HOJE EM DIA A MAIORIA DOS OCEANÓGRAFOS UTILIZAM INFORMAÇÕES PRODUZIDAS POR SATÉLITES OU POR OUTROS TIPOS DE TECNOLOGIA PARA MONITORAR AS CORRENTES, MAS EXPERIÊNCIAS EMPÍRICAS COMO AS DAS MENSAGENS NAS GARRAFAS CONTINUAM SENDO UTILIZADAS EM ALGUNS ESTUDOS MAIS ESPECÍFICOS.**



DANE REYNOLDS

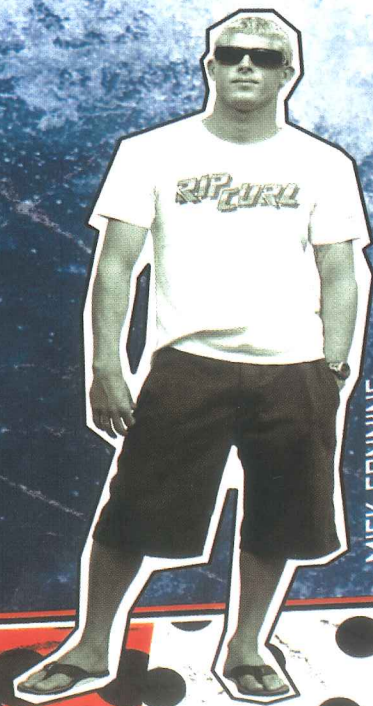


(11) 4197-9970



Riff

DRAGON DRAGON DRAGON DRAGON



MICK FANNING



ROB MACHADO



BRETT SIMPSON



SHANE DORIAN

DRAGONOPTICAL.COM



OUTONO tow-in maresias

texto Adriano Vasconcellos

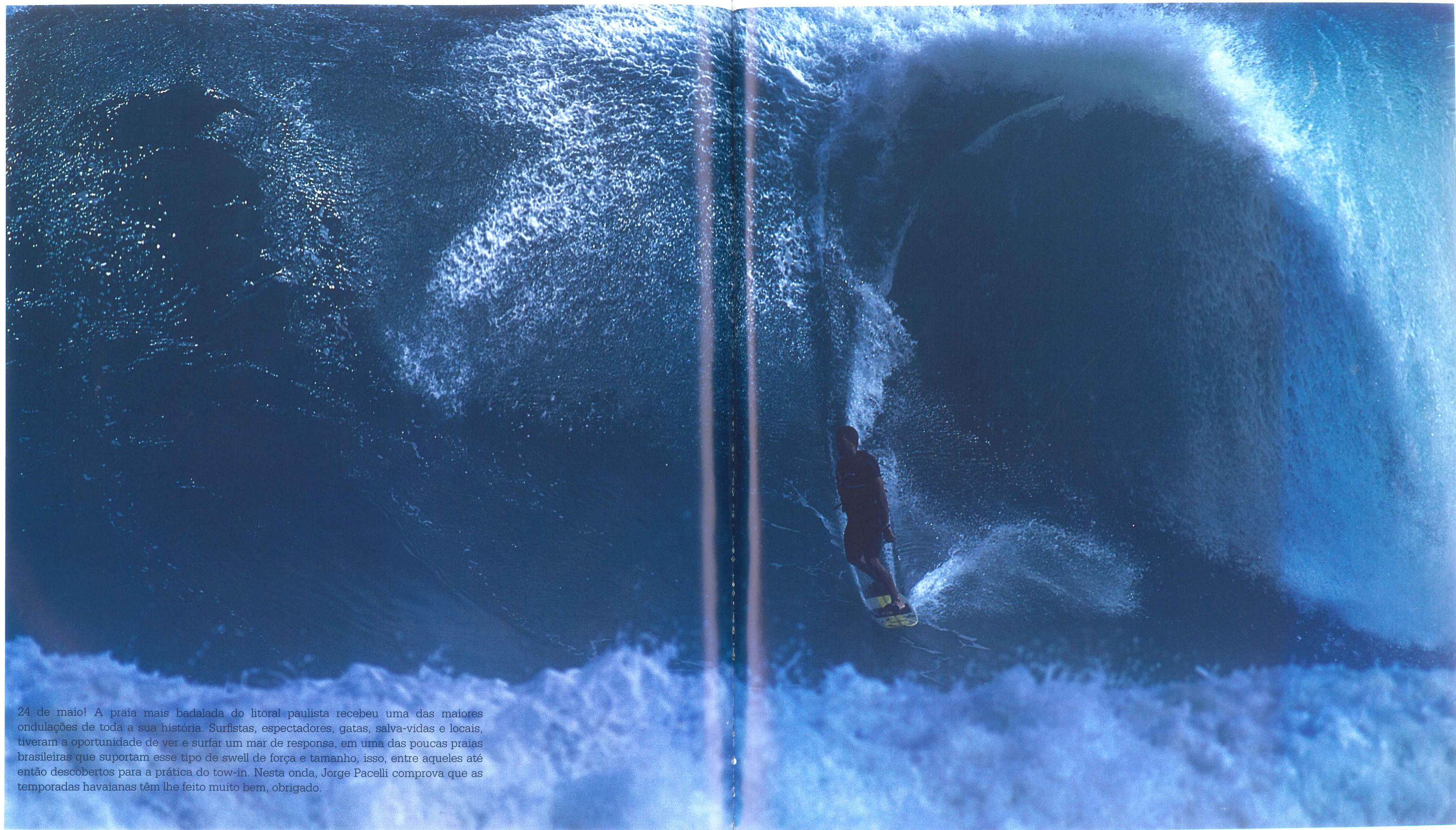


Fotos Anselmo Venansi

Outono, frente fria, swell e Maresias

Outono, estação do ano que antecede o inverno, época do fim das águas e do cair das folhas. Entramos no período maduro, no tempo em que o sol fica mais amarelinho, mais agradável. As bombas que avançaram pela praia de Maresias trouxeram a colheita vinda do hemisfério sul e proporcionaram ondas como esta do local Alemão de Maresias, que demonstra total conhecimento do pico e de tow-in e cava com precisão no período mais chique do ano.





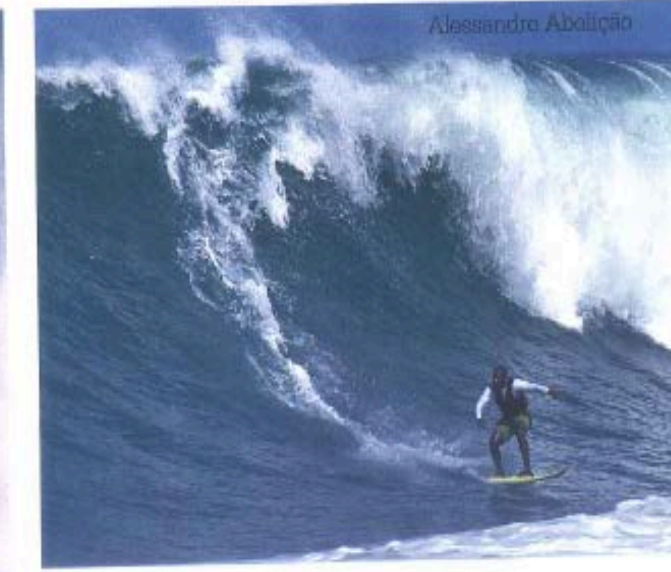
24 de maio! A praia mais badalada do litoral paulista recebeu uma das maiores ondulações de toda a sua história. Surfistas, espectadores, gatas, salva-vidas e locais, tiveram a oportunidade de ver e surfar um mar de resposta, em uma das poucas praias brasileiras que suportam esse tipo de swell de força e tamanho, isso, entre aqueles até então descobertos para a prática do tow-in. Nesta onda, Jorge Pacelli comprova que as temporadas havaianas têm lhe feito muito bem, obrigado.



Haroldo Ambrosio equilibra o equinócio e o solstício – início e fim – do outono, e também colhe de frutos na praia de Maresias. Fazendo parceria com Pacelli, Ambrosio se destacou nas 'rainhas' que avançaram pra cima da orla de São Sebastião, na representação fiel do espetáculo da natureza aliada à tecnologia: tow-in em Maresias.



As ondas passaram dos 12 pés de face com intervalo de 13 segundos, gerados na ondulação de sul alinhada com vento leste e que atingiu seus momentos épicos no período da tarde. Nessa morranca, Dennis 'Bebê Demônio' põe em prática a aprendizagem dos treinos no pico e, com grande atuação, interage com o "Espetáculo Maresias".



'O Inverno está chegando..



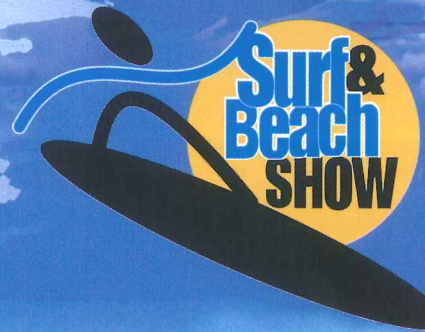
Silber - Marcelo Kosake
by Deep Dead - Stop Shots

S&B 2005 - Show

S&B 2005 - Cultura

All Photos - Emiliano C
S&B 2005 - Show

DVelloso



NOVA DATA
4 a 7 Julho 06

**SURF
BEACH
SHOW**

www.surfbeach.com.br

Confira! + de 400 marcas de Surf, Skate e Praia em meio a Shows, Desfiles, Dj's, Pistas de Skt, Arte/Cultura Urbana, Personalidades e várias atrações. Pavilhão Imigrantes - São Paulo - SP - waves@waves.com.br - F. 11 3884 45 44



PROFISSIONAIS - 12 às 22h . INGRESSOS - A partir das 18h . Proibida a entrada de menores de 16 anos.

www.litoralbrasil.com

Central de Vendas: 55-11-5061-0688

GDBRASIL



Fits You better

EM DVD, O FILME QUE É ADRENALINA PURA!



**MUITA CORAGEM, PRANCHAS QUEBRADAS E MANOBRAS IRADAS.
OU VOCÊ VAI FICAR NA MAROLINHA?**

**DE HERÓI PARA HERÓIS, DE ONDAS GRANDES PARA
ONDAS GIGANTES, O FILME É ADRENALINA PURA!**

SAN DIEGO UNION-TRIBUNE

**VOCÊ NUNCA SONHOU EM PASSAR
DIAS NO HAVÁI, ISSO VAI MUDAR.**

KANSAS CITY STAR

**MESMO PARA QUEM CONHECE POUCO
DE SURF, O FILME É EXCEPCIONAL!!!**

RENO GAZETTE - JOURNAL

DEPOIMENTO DE LENDAS DO SURF COMO:

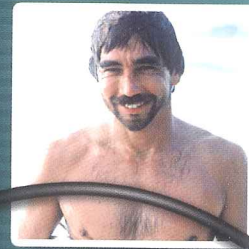
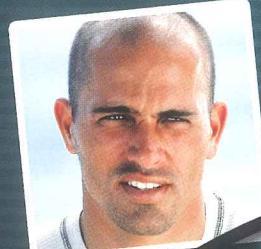
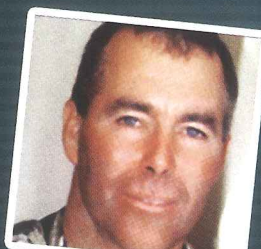
GREG NOLL

LAIRD HAMILTON

JEFF CLARK

KELLY SLATER

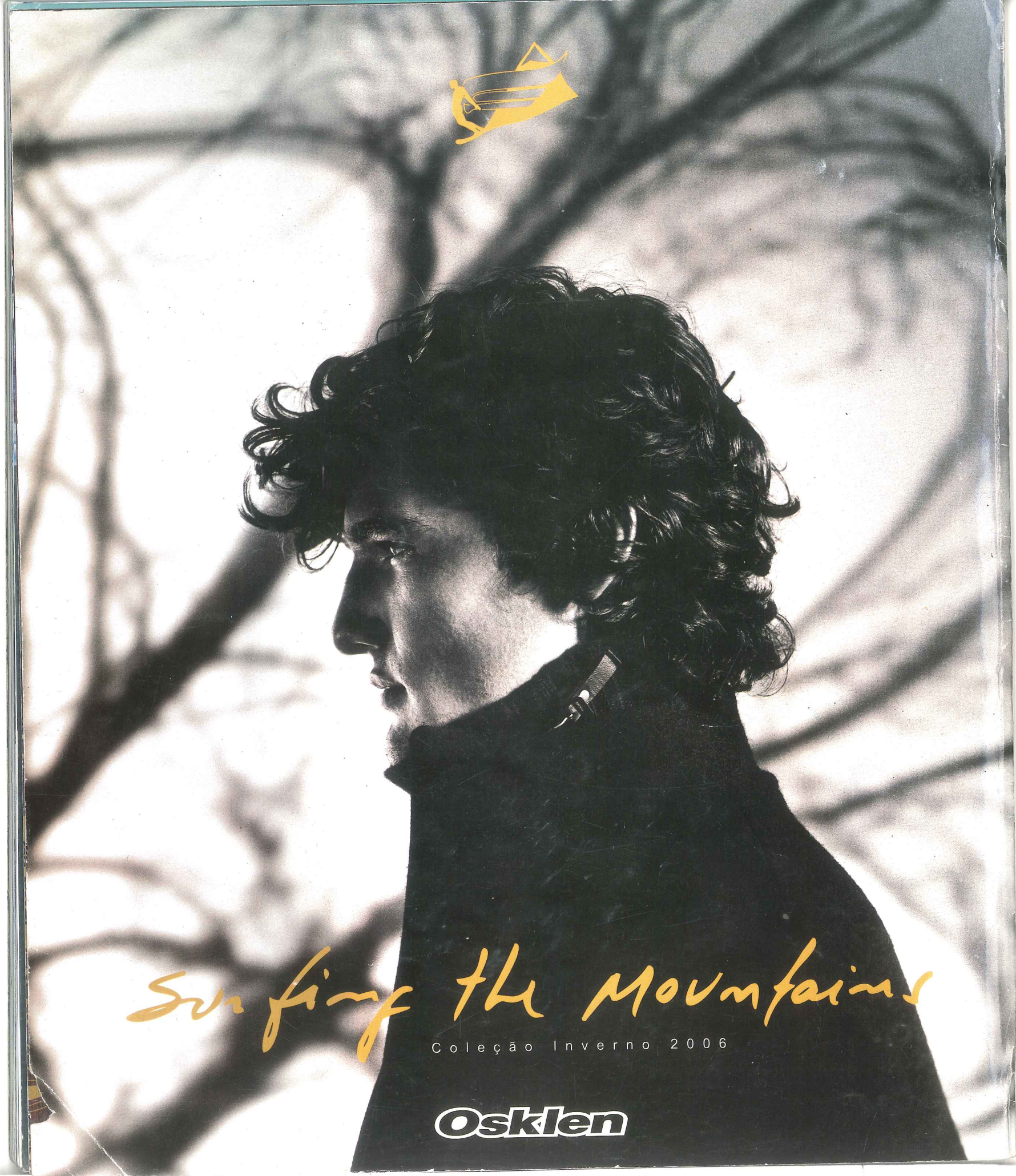
JERRY LOPEZ



O FILME DAS ONDAS GIGANTES TE ESPERA EM JUNHO!

A partir de 22/06 nas melhores lojas e magazines.





Surfing the Mountains

Coleção Inverno 2006

Osklen